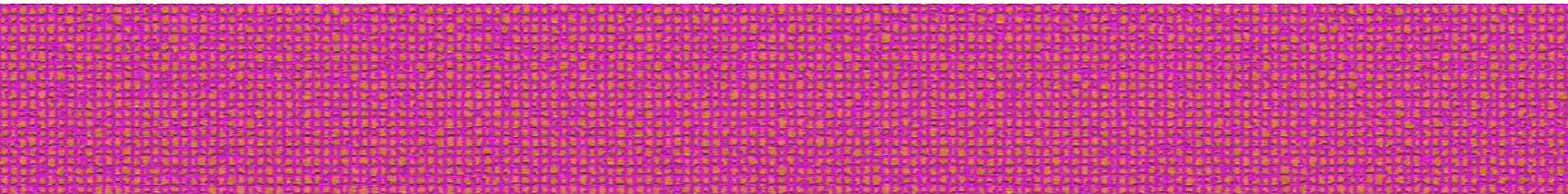


TRADUÇÕES



“O bosque de Maria”, um conto de Vassíli Jukóvski

Yuri Martins de Oliveira¹

Fábrica de Cultura Diadema

Resumo: Este artigo apresenta a tradução do conto “O bosque de Maria” (1809), do escritor romântico russo Vassíli A. Jukóvski (1783-1852). Trata-se, até onde se pôde verificar, da primeira tradução deste texto para o português do Brasil. A tradução é precedida de uma breve apresentação do escritor e da obra, bem como um comentário acerca do processo tradutológico.

Palavras-chave: O bosque de Maria; Jukóvski; prosa russa; romantismo russo

“*Maria’s grove*” a short story by Vasily Zhukovsky

Abstract: This work presents the translation of the short story “Maria’s Grove” (1809), by the Russian Romantic writer Vasily A. Zhukovsky (1783-1852). As far as we know, it is the text’s first translation into Brazilian Portuguese. The translation is preceded by a brief presentation of the writer and his work, as well as a comment about the translation process.

Key-words: Maria’s Grove; Zhukovsky; Russian Prose; Russian Romanticism

Do artista e da obra

“Jukóvski é de uma grande importância histórica para o desenvolvimento da poesia russa em geral: ao inspirar a poesia russa com os elementos românticos, fê-la acessível à sociedade e deu-lhe a oportunidade de desenvolver-se”

V. Bielínski ²

Nas primeiras décadas do século XIX, houve na Rússia uma corrente literária pré-romântica chamada de Sentimentalismo, convencionalmente inaugurada pelo escritor e historiador Nikolai M. Karamzin (1766-1826). Grosso modo, pode-se dizer que o Sentimentalismo, em oposição ao Classicismo então vigente, focado na razão e na retórica, buscava dar vazão aos sentimentos, à personalidade e à vida interior do ser humano (GRIKHIN, 1981, p.4). Esse desejo de mudança se refletia também no âmbito da própria

¹ Bacharel em Português e Russo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Licenciado em Português e Russo pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Mestre em Letras (Literatura e Cultura Russa) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: yuri.martinsz@gmail.com.

² Apud GRIKHIN, V. Zhukovsky. In: _____. *The Russian romantic tale: late 18th - early 19th century (A Russian reader with explanatory notes in English)*. Moscou: Russki Iazyk, 1981, p.42.

língua: defendia-se o uso do russo moderno na literatura e não do eslavo eclesiástico, língua cristalizada e usada na escrita, em especial em textos de tom “sério”. Inovador e ocidentalista, Karamzin acabou por fundar sua própria escola, por assim dizer, tendo uma série de admiradores e defensores (BERNARDINI, 1987, p.29), dentre os quais certamente se destaca Vassíli A. Jukóvski (1783-1852).

Fruto do relacionamento ilegítimo de Afanássi I. Búnin (1727-1791)³, rico senhor de terras, e Salkha (c.1754-1811), a babá da casa, de origem turca⁴, o pequeno Vassíli foi reconhecido como filho por Andrei G. Jukóvski, amigo próximo da família – também um senhor de terras, porém não tão rico. Apesar de sua condição, o menino cresceu na casa dos Búnin, cercado de cuidados e atenção, tendo inclusive acesso à rica biblioteca de Maria G. Búnina (1728-1811), a esposa de seu pai. Enviado para estudar em Moscou, Jukóvski teve contato com os grandes nomes da literatura de sua época, como os poetas Gavrila R. Derjávín (1743-1816) e Ivan I. Dmítriev (1760-1837), além do já citado Karamzin, a quem ele, muitas vezes, chamou de seu “evangelizador” (LO GATTO, 1952, p. 91).

Costuma-se destacar que a importância de Jukóvski para a literatura russa deu-se por romper com a “hegemonia da influência francesa” a partir de suas traduções e adaptações de poetas alemães e ingleses, como Thomas Grey (1716-1771), August Bürger (1747-1794), Ludwig Uhland (1787-1862), Schiller (1759-1805) e Goethe (1749-1832) (BERNARDINI, 1987, p.27). Tanto é assim que sua estreia literária deu-se, justamente, com a tradução do poema “Elegia” (1750), de Grey, publicada no jornal literário de Karamzin, o *Mensageiro da Europa*, em 1802. O poema tornou-se um sucesso de público e crítica. É também com uma tradução que Jukóvski introduz na literatura russa um gênero ocidental muito bem-quisto pelos românticos alemães (e por ele próprio): a balada. A partir “Ludmila” (1808), sua adaptação da conhecida “Lenore” (1774), de Bürger, o poeta passa a compor suas próprias baladas, transpondo-as para o cenário russo, de modo que o gênero caiu no gosto popular da época (LO GATTO, 1952, p. 91). Mesmo se tratando de traduções, por suas inovações temáticas e estilísticas, esses textos costumam ser apontados como a “a data de nascimento da poesia russa” do século XIX (MIRSKY, 1969, p. 91). Além disso, vale observar que Jukóvski não só mobiliza um novo imaginário e afilia-se a correntes mais modernas da literatura (seguindo os passos de Karamzin), como também promove uma mudança no próprio fazer poético.

³ Um antepassado do escritor Ivan A. Búnin (1870-1953), primeiro russo a vencer o Prêmio Nobel de Literatura (1933).

⁴ Salkha e a irmã mais nova, Fátima, foram feitas prisioneiras na sexta Guerra Russo-Turca (1768-1774), durante a tomada da fortaleza de Bender. Ambas foram enviadas à Rússia para ficar “aos cuidados” de Búnin, em 1770. Fátima morreu pouco depois de chegar ao novo país, aos onze anos de idade (AFANÁSSIEV, 1986, p. 6-8).

Ainda em meados do século XVIII, Mikhail V. Lomonósov (1711-1765), um dos grandes reformadores da língua russa, propusera o uso de um esquema métrico para poesia baseado em “pés” (como no grego antigo e no alemão), ao invés do esquema usado pelos poetas russos, o de sílabas poéticas (como no francês e no português). Sendo a influência francesa muito forte, a inovação não foi bem aceita e por décadas prevaleceu o sistema de sílabas poéticas. É Jukóvski, já a partir de sua tradução de Gray, quem solidifica o uso da versificação em “pés”, que se tornará o *modus operandi* de toda poesia russa a partir daí (BERNARDINI, 2018, p. 74).

Além da carreira como poeta, Jukóvski exerceu uma bem-sucedida carreira como professor e tutor. E que carreira! Ele foi escolhido pela família Romanov para ensinar o idioma russo à princesa Carlota da Prússia (1798-1860), futura tsarina Alexandra Fiódorovna, esposa de Nicolau I (1796-1855). A partir daí, Jukóvski não mais se afastou da família imperial, sendo escolhido como tutor do primogênito de Nicolau, o tsarévitch Alexandre (1818-1881). É comum afirmar que o poeta foi responsável por incutir certa sensibilidade e um “benéfico humanismo” ao jovem Alexandre (MIRSKY, 1969, p.91; MONTEFIORE, 2016, p.497), que viria a receber a alcunha de “tsar Libertador”, por dar fim à servidão na Rússia em 1861. Ao longo dos anos, Jukóvski lançou mão, diversas vezes, dessa proximidade e apreço junto à família imperial para intervir a favor de outros escritores, em geral envolvidos em questões políticas, especialmente quando se tratava de Aleksandr S. Púchkin (1799-1836). Assim, ele assegurou seu lugar não apenas na literatura, mas também na política russa.

De maneira geral, pode-se dizer que a poesia de Jukóvski, entre os anos 1800 e 1820, leva o público leitor a “uma atmosfera de sensibilidade romântica, de sonho, de religião otimista e de uma doce resignação”, não deixando de ter alguns aspectos fantásticos, especialmente através das já citadas baladas. Num segundo momento, a partir de 1830, o poeta parece se tornar mais “objetivo” e aproxima-se de temas mais épicos (MIRSKY, 1969, p.93). Exemplo disso são suas traduções indiretas de textos como o *Mahabharata* (1837) e *A Odisseia* (1849), esta última tida em alta conta até os dias de hoje, mesmo tendo sido feita a partir de uma versão literal em alemão. Longe de desabonar seu talento como poeta, as traduções de Jukóvski enriqueceram, e muito, a poesia russa como um todo, trazer à literatura russa a riqueza de vocabulário e imagens, bem como uma sonoridade característica. Afinal, nas palavras do próprio poeta: “O tradutor de um poeta é, em certo sentido, ele mesmo um criador original, ainda que não tenha escrito nada” (apud LOGATTO, 1952, p. 91).

“O bosque de Maria” e sua tradução

“Tudo passa sobre a terra”

Iracema (1865)⁵

O conto “O bosque de Maria” propõe-se a explicar a origem do nome de uma região no centro-norte de Moscou, a Márina róscha, ou seja, o bosque de Maria – atualmente, também o nome de uma das estações da Linha 10 do metrô moscovita. Escrito e publicado em 1809, o conto é uma das raras incursões de Jukóvski na prosa e tem evidentes inspirações karamzinianas, que vinha obtendo muito sucesso com textos como “A pobre Lisa” (1791).

Num passado mais mítico que histórico, acompanhamos a história de amor do cantor Uslad e da camponesa Maria, que acaba de maneira trágica quando surge a terceira ponta do triângulo amoroso, o guerreiro Rogdai. Além de elementos típicos da cultura e da história russas, o conto busca apoiar-se nos elementos da natureza para trazer um “colorido típico”: a história se passa às margens dos rios Moscou e Jáuza, as florestas estão repletas de bétulas e tílias, e assim por diante. As personagens são esquemáticas, isto é, ou boas ou más, como que expondo qualidades e defeitos humanos. Sendo um romântico, Jukóvski não poupa adjetivos para descrever os sentimentos de suas personagens. Já como poeta, ele cria belas imagens da natureza e procura dar ao texto uma sonoridade especial. Assim, apesar de ímpar na produção de Jukóvski, por se tratar de um texto em prosa, “O bosque de Maria” não deixa de refletir seu estilo e de ser representativo tanto para sua obra como um todo, quanto para o momento histórico em que se insere.

Até onde pude verificar, não existe uma tradução do conto “O bosque de Maria” para o português do Brasil. Há apenas uma breve menção ao texto, sob título de “O arvoredo de Maria”, na tese de doutorado de Edélcio Américo (2011, p. 116). Para a presente tradução, optei por “bosque” por me parecer mais uma palavra mais corriqueira.

As escolhas tradutológicas, para este texto, foram pautadas mais pela estrangeirização, isto é, por preservar termos específicos da cultura e da história russas e assim “levar o leitor até o tempo e o lugar do original” (BRITTO, 2012, p. 60). Essa decisão foi tomada, especialmente, pensando no período histórico e na escola literária a que o texto pertence, o Romantismo.

⁵ ALENCAR, J. *Iracema*. São Paulo: Melhoramentos, p. 104. *E-book*.

A busca por características nacionais e a exaltação de aspectos culturais, históricos e naturais dos escritores românticos fez com que me parecesse mais lógico preservar, tanto quanto possível, os aspectos “tipicamente russos”. Essa preservação se deu, essencialmente, em alguns termos da arquitetura (*svetlitsa* e *térem*), da política (*possadnik* e *drujina*) e da cultura russa (*bogatyr*, termo, talvez, já mais conhecido pelo público interessado em literatura russa). Optei por não destacar essas palavras em itálico no texto do conto, como de praxe, uma vez que fazem parte dele de forma intrínseca e ajudam na construção do imaginário da história. Por outro lado, não pude deixar de inserir notas de rodapé nessas mesmas palavras, do contrário a compreensão de alguns trechos ficaria prejudicada. Uma opção talvez mais interessante seria organizar um glossário desses termos e anexá-lo ao fim do conto, de maneira a explicar de forma mais detalhada cada elemento. Por questões de tempo e espaço, acabei mantendo as mais tradicionais notas de rodapé.

Do ponto de vista estilístico, optei por preservar (ou, talvez, emular) características de um texto antigo, e, para compor esse estilo, busquei os textos em prosa do Romantismo brasileiro. Nesse sentido, o texto nacional que mais me remeteu ao ambiente de “O bosque de Maria” foi o romance *Iracema* (1865), de José de Alencar (1829-1877). Foi esta uma forma de procurar algum equivalente – tanto quanto possível – em nossa literatura do que foi (ou que pode ter sido) a obra de Jukóvski.

Além do lirismo da narrativa em prosa, característica que se destaca em ambas as obras, outras semelhanças promovem uma possível aproximação entre *Iracema* e “O bosque de Maria”. Brevemente, posso citar: o fundo pseudo-histórico e a intenção de explicar, através de uma lenda, a origem de um determinado local (o bosque de Maria, na Rússia, e o Ceará, no Brasil); a presença central da natureza não apenas como cenário, mas como reflexo das personagens e seus sentimentos; o final trágico da personagem feminina, que morre por amor (ainda em contexto bem distintos, é verdade); e a passagem inexorável do tempo, que pode tudo apagar.

Por fim, sobre a feitura da tradução, esta ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2022 e contou com o atencioso cotejo da professora XXX, que por diversas vezes já me auxiliou com seus preciosos comentários. Mais uma vez, deixo registrado o meu muito obrigado! *Spasibo bolchoe, XXX!*

O bosque de Maria – uma antiga lenda ⁶

Silenciosa e fresca, tomava a noite o lugar do dia causticante, quando Uslad, o jovem cantor, aproximou-se das margens do rio Moscou, junto às quais passara os dias de sua mocidade vicejante. A superfície lisa das águas, que a brisa suave osculava pacificamente, cobria-se dos raios rosados do ocaso: em seu espelho refletiam-se, de um lado, a densa floresta e o t⁷rem do terrível Rogdai, rodeado de altas paliçadas de carvalho (fora construído no topo de um monte, ali onde, nos dias de hoje, veem-se os merlões do Kremlin, os majestosos aposentos dos antigos tsares russos, as catedrais de douradas cúpulas e o campanário de Ivan, o Grande⁸); e, do outro, as verdes margens cobertas de arbustos e cumuladas de cabanas camponesas. Por toda parte, reinava a tranquilidade; o ar estava tomado pelo aroma das tílias em flor: às vezes, das profundezas da floresta, ouvia-se a voz do rouxinol ou o triste canto do papa-figos; às vezes, a brisa inconstante tremulava as copas das árvores; às vezes, um tímido coelho, amedrontado por um leve rumor, lançava-se num arbusto e fazia farfalhar os galhos ressequidos. Uslad ia por uma vereda, que serpenteava entre as árvores; sua alma, repleta de recordações, estava imersa em reflexão. Um tempo passado, tempo em que ele fora feliz, surgia em seus pensamentos com todos os encantos.

— Onde estás, felicidade minha? – perguntou-se o triste Uslad. – Onde estás, tempo de outrora? Venho até este mesmo lugar onde, certa vez, chamei minha vida de feliz: denso bosque, límpido rio, verdes margens, vós não mudastes; mas tu, felicidade minha, tu já não mais existes. A fragrante tília, como antes, espalha seu doce perfume, o sonoro rouxinol ou o papa-figos solitário, como antes, cantam nas profundezas do denso bosque; mas aquele que, certa vez, deleitou-se com a fragrante tília em flor ou, pensativo, diante da voz do sonoro rouxinol ou do pio do papa-figos solitário, sonhou mais vivamente com a própria felicidade, este não se parece mais consigo mesmo. Ah! Vós não me reconheceríeis, encantadoras paragens; embaciados estão meus olhos de pesar, pálidas estão minhas faces, sombrio tornou-se meu semblante de desalento...

Uslad aproximava-se das margens de um límpido riacho⁹ que, murmurejando e refulgindo, corria pela areia dourada num arbusto verdejante e desaguava no rio Moscou; ele viu na escarpa o t⁷rem solitário do terrível Rogdai. As últimas luminescências da tarde

⁶ Primeira publicação: revista literária *Mensageiro da Europa* (nº 2/3, 1809). (N. T.)

⁷ T⁷rem. Espécie de palacete feito de madeira, típico da nobreza russa até o século XVIII. (N. T.)

⁸ Ivan, o Grande (1440-1505). Grão-príncipe de Moscou entre 1462 e 1505. (N. T.)

⁹ Na edição usada para tradução, há o seguinte comentário de Jukóvski: “Atualmente, o turvo Neglínaia”, um dos afluentes do rio Moscou, que foi canalizado no fim do século XIX. (N. T.)

brincavam ainda nas fasquias do telhado da svetlítsa¹⁰ superior e nas extremidades afiladas das altas paliçadas; as copas dos velhos carvalhos, das bétulas e tílias, que cobriam todo o monte, erguiam-se umas sobre as outras, sombreando-se aos poucos, até por fim escurecerem por completo; tão somente no térem que, tal qual um gigante elevava-se acima da floresta, cintilava uma luzinha que ia morrendo; afinal, mesmo ela apagou-se, a penumbra espalhou-se por toda parte. Uslad, ao ver o térem de Rogdai, estremeceu, deteve-se, observando-o longamente, em silêncio, imóvel, sombrio, mantendo os braços cruzados; por fim, o pranto desaguou de seus olhos...

— Ah, Maria! – exclamou ele do fundo do coração, e sua cabeça pendeu sobre o peito.

Nascera o jovem Uslad às margens do rio Moscou, numa pobre choupana, de pais honrados. A natureza o havia galardoado de uma bela alma, um belo rosto e o dom de compor belas canções. Muitas vezes, estendido às margens do límpido rio Moscou e olhando para suas ondas prateadas, ele passava o ocaso noturno entre os sons de seu clarim. Os afáveis sons ressoavam pelas margens e eram repetidos pelos ecos do frondoso bosque. As jovens moças da aldeia gostavam de ouvir Uslad quando ele, com seus versos singelos, louvava a primavera, a tranquilidade das cabanas agrícolas, a liberdade das andorinhas do céu, a ternura das rolinhas dos carvalhos, ou figurava a suavidade das violas-roxas, cujo perfume ele comparava à doce alma de uma mãe extremosa. Uslad era de todos o mais agradável nos serões da aldeia; ninguém sabia contar tão bem histórias de terror, com os quais as mocinhas tímidas estremeciam e achegavam-se às mães, enquanto os jovens rapazes ficavam com os cabelos em pé; dentre todos, era o doce e alegre Uslad de bom coração o preferido para as brincadeiras de roda e jogos diversos... Na aldeia, chamavam-no rouxinol. As velhas deixavam de carregar o cenho e ralhar com as filhas quando Uslad as vinha visitar; já os velhos, em sua presença, recobravam o viço e sentiam-se jovens. As moças da aldeia não se cansavam de olhar para Uslad, que tinha um rosto encantador, olhos negros que, sombreados por longos cílios, reluziam sob fartas sobrancelhas negras; os cabelos loiro-escuros, cujas suaves madeixas cascadeavam sobre sua bela fronte, adejavam ao redor de seu pescoço descoberto, branco como a neve, e realçavam suas faces frescas e coradas como uma jovem rosa. Porém mais que as outras e com um sentimento ainda mais terno olhava para ele a bela Maria. Sua cabana fora construída naquele mesmo lugar onde o riacho ligeiro desaguava no límpido rio Moscou.

¹⁰ Svetlítsa. Localizado na parte mais alta do térem, era um cômodo guarnecido de grandes janelas, sendo por isso o mais claro da casa. Geralmente, era um espaço exclusivamente feminino, usado para trabalhos domésticos, em especial a costura. (N. T.)

Maria completara quinze anos; ela tinha um coração bondoso, porém era uma completa criança: tudo a divertia, tudo a emocionava e distraía. Amava sua velha mãe mais do que a si mesma; com frequência olhava para ela nos olhos e dizia, entre lágrimas: “Mãezinha, minha querida, estou pronta para dar minha alma por você”. Ela chorava quando a velha ficava doente, ou triste; mas, ao mesmo tempo, qualquer ninharia podia tomar sua atenção: ela corria atrás das borboletas multicoloridas, ou ria de todo coração quando ouvia uma palavra divertida, quando notava um rosto feio. Maria era sensível: nenhum sentimento terno podia apagar-se em seu coração, mas poderia ser esquecido (por algum tempo, é verdade) por qualquer outra nova sensação, ainda que das mais débeis.

A bondosa Maria desabrochava, qual uma violeta do campo, à sombra da cabana de seus pais, bem guardada pelo amor da mãe. Desde algum tempo, seu coração estava preenchido por uma chama secreta, que avivava dentro dela todos os outros sentimentos – seu amor pelo belo Uslad; mas esse sentimento não a impedia de continuar sendo alegre como antes, de regar suas flores como antes, de dar de comer a seu pintarroxo, de cantarolar alegres cantigas quando sentava-se junto da mãe para fiar à porta da cabana, e rir de coração leve quando as amigas contavam alguma história engraçada. O belo cantor sentia um terno langor em seu peito quando olhava nos olhos de Maria de bom coração. Ah! Ele a amava apaixonadamente. Era ela a imagem suave que surgia diante dele quando ia se deitar; ele a via em sonhos; ele a via ante o primeiro raiar da manhã que chegava. Uslad ficava pensativo quando longe dela, pensativo quando a via diante de si, vivaz, travessa, alegre. Maria suspirava, em seu rosto afigurava-se um sentimento profundo, vindo do coração, quando seus olhos encontravam os olhos de Uslad. Ela alegrava-se quando Uslad confiava-lhe seu terno amor; ela beijava suas faces rosadas e dizia: “Meu bom Uslad, tu és a minha felicidade”.

Certa vez, às horas do entardecer, o cantor tocava seu clarim, estirado à margem da nascente, tendo sob seu olhar a cabana de Maria. Ao ouvir os sons conhecidos, Maria pegou uma bilha e foi buscar água na fonte cristalina. Ao alcançar Uslad, deixou sobre a relva a bilha, sentou-se ao pé de seu amigo, beijou-lhe a face ardente e, envolvendo-o com um de seus brancos braços, repousou em seu ombro a linda cabeça. Ficaram perdidos em pensamentos. A tarde estava silenciosa e clara; o bosque, animado pelo retorno da primavera, estava tomado pelo perfume do pado, do sopro odorífico do lírio-do-vale, da violaroxa e das ervas aromáticas; a brisa esvoaçava pelas árvores; os rouxinóis assobiavam ao longe; ouvia-se no ar o zunido dos insetos; os filetes suaves da fonte, dourados pelo sol poente, que penetrava por entre as raras árvores, derramava ternamente seu borbotar, com o sussurro do junco e o tremular da roseira em flor, que sombreava a margem baixa

da nascente: todos esses sons produziam juntos uma harmonia encantadora e única, que tocava n'alma, engolfando-a num devaneio contemplativo. Uslad e Maria por um longo tempo calaram, embriagados de amor.

— Ah, Maria! – disse Uslad por fim. – Amo a ti mais que a própria vida. Lembras aquele instante em que nos encontramos à margem desta límpida fonte? Vieste buscar na bilha água fresca, esqueceste de ti a ouvir o rouxinol e ficaste pensativa sob esta mesma bétula frondosa; eu voltava de Novagorod¹¹, sedento pela caminhada e pelo calor; tu saciaste a minha sede e olhaste para mim com um olhar tão carinhoso que meu coração encheu-se naquele mesmo minuto de uma doçura indescritível. Ah! Desde aquele minuto deixei de ter o controle de minh'alma; desde aquele minuto, minha única felicidade era estar contigo e pensar em ti. Por ti, o belo mundo de Deus fez-se ainda mais belo para mim. Em tudo que me apraz a alma, encontro a tua doce imagem. Tua voz para mim é mais deleitante que o arrulho do papa-figos, quando o ouço sob o brilho do sol poente; teu andar é mais leve que a brejeira brisa de primavera quando ela sopra sobre a superfície tranquila do rio Moscou ou quando balouça a relva delicada. Ao sentir no bosque o perfume da bela-da-noite¹² penso: é tão agradável quanto o hálito doce da minha Maria. Quando a lua cheia brilha por entre o espesso bosque, quedo-me em contemplação: parece-me que na luminosa cintilação da lua paira sobre mim a tua imagem, que estou cercado por tua presença invisível. Amiúde, no momento em que a noite assume seu trono, eu me esqueço de mim horas inteiras ao pé de tua cabana; acobertado pelos arbustos da roseira silvestre, olho para ti, sentada ao pé da porta junto de tua mãe, alumiada pelo brilho cor-de-rosa da tarde; a tua mãe ajeita-te os cabelos louros, prende-os numa trança e beija-te, chama-te de minha alegria; e tu cantarolas, qual rouxinol, ou ergues para a tua mãe o rosto terno, cândido, pleno de amorosa contemplação, e então eu... porém, minha querida, minha adorada, minha Maria de bom coração, poderia eu descrever o que sinto então? Ah! Nesse instante, minh'alma não está mais dentro de mim; ela acorre a ti, plena do mais puro e imaculado amor que sinto.

Assim falou Uslad. Maria não respondeu; mas ela suspirou, abraçou-o mais forte com o alvo braço, recostou mais ternamente a linda cabeça junto a seu peito.

— Iremos nos unir – continuava Uslad – quando completares dezesseis anos. Seis vezes deve a lua cheia iluminar a copa das árvores, antes que tu sejas minha; então a tua

¹¹ Novagorod. Forma arcaica para se referir à cidade Novgóród, uma das cidades russas mais importantes na Idade Média. (N. T.)

¹² Bela-da-noite. Segundo nota da edição, trata-se de uma antiga denominação popular da flor héspere (*hesperis matronalis*), também conhecida em português como juliana-dos-jardins. É uma flor típica do território euroasiático e não se deve confundir, então, com a tropical bela-da-noite (*mirabilis jalapa*). (N. T.)

terna mãe viverá em nossa cabana; ela passará a velhice tranquilamente, como o entardecer de um dia claro... Agora, minha querida amiga – Uslad calou-se por um minuto e então continuou: —, devo me separar de ti por um tempo. O velho Peresvet, o meu benfeitor, meu mentor, parte daqui rumo a sua pátria, para junto de seus amigos e parentes, e eu o devo acompanhar, pois é provável que não nos tornaremos a ver. Minha viagem estende-se até a terceira lua cheia. Maria, não te esqueças de mim nessa ausência. Quando surgir a lua – neste instante os cornos dourados de uma meia-lua cintilavam por entre as nuvens acima do telhado do térem de Rogdai —, quando dourarem as ondas que vem e vão, chega-te à fonte e pensa em Uslad: a alma dele estará acima de ti. Em cada som aprazível, com o qual se derramará em teu coração um doce desalento, ouvirás a terna voz do coração dele.

Maria chorava; Uslad calou-se; eles levantaram-se. O cantor ergueu os olhos para o alto térem de Rogdai – uma nuvem negra pairava acima dele; involuntariamente, a tristeza tomou conta de sua alma: aquela nuvem parecia-lhe um prenúncio de seu próprio destino. “Oh! O que estás por me trazer, tempo vindouro, tempo distante, tempo insondável?”, pensou ele. Um célere relâmpago cortou a nuvem num sulco flamejante; as nuvens incendiaram-se e súbito apagaram-se; o coração de Uslad confrangeu-se; ele lançou a Maria um olhar pensativo: no formoso rosto estampava-se o acanhamento; os olhos, fixos na nuvem, como que procuravam ali os rastros do relâmpago que passara: ela suspirou, deu um beijo em Uslad e lentamente dirigiu-se a sua cabana. Uslad sentou-se em seu barco, trasladou-se à outra margem do rio Moscou, onde ficava sua cabana, estendeu-se na relva, tristemente deitou a cabeça sobre as mãos e pôs-se a olhar com vagar a cabana de Maria, na qual ardia uma luzinha, às vezes obscurecida por uma sombra suave. Por fim, a chama apagou-se. Uslad cerrou os olhos e chorou; parecia-lhe que apagara-se naquele instante a felicidade de sua vida, que Maria não mais existia no mundo.

A aurora matinal não encontrou Uslad às margens do límpido rio Moscou. Nos primeiros dois dias, Maria não parou de afligir-se e chorar. Baixando a cabeça, cobrindo com o avental os olhos devastados, úmidos de lágrimas, ela ficava sentada à porta da cabana e não dava ouvidos aos consolos da boa mãe. No terceiro dia, foi ela até a fonte. De súbito, surgiu diante de seus olhos um guerreiro desconhecido: ele vestia uma armadura brilhante, a cabeça estava coberta por um elmo, nas costas jazia uma pele de urso. O rosto do desconhecido era majestoso e severo: os olhos, bastante fundos, brilhavam com fulgor sob as densas sobrancelhas; uma barba negra e eriçada cobria parte de suas faces bronzeadas. Maria ficou aturdida. O desconhecido olhava para ela fixamente.

— Quem és tu, bela donzela? — perguntou ele. Maria assustou-se com a voz troante, não pôde erguer os olhos e pôs-se a correr em disparada para cabana. O guerreiro a seguiu.

Aquele era Rogdai, o glorioso e poderoso bogatyr¹³. A ele pertenciam os vastos campos entre os quais serpenteava o límpido rio Moscou; a ele pertencia o alto térem, cercado pelas paliçadas de carvalho. Por muito tempo ele servira com braço forte à grandiosa cidade de Novagorod; os correligionários chamavam-no de Rogdai braço de aço; já as pessoas simples chamavam-no de Rogdai coração cruel; isso porque não lhe era conhecido um único sentimento humano, nem nunca em seu semblante formara-se uma ruga sequer; era terrível, indomável na vingança; nem o choro, nem o sorriso de um inocente recém-nascido penetravam sua alma inexpugnável. Tendo causado a morte, numa reunião do povo, de um dos mais ilustres possádniks¹⁴ de Novagorod e sendo obrigado a esconder-se da grandiosa cidade sem demora com sua fiel drujina¹⁵, ele foi à célebre Kiev, até o grão-príncipe Vladímír¹⁶, para servir-lhe ao lado dos bogatyres Iliá, Tchurila e Dobrýnia. Como desejasse visitar, no caminho, sua propriedade e o térem paterno, no qual passara os tempos de infância, ele surgiu agora às margens do rio Moscou, cerca de dois dias depois da partida do cantor Uslad.

Um novo sentimento abriu-se na alma de Rogdai no instante em que se encontrou com Maria junto à fonte; ele começou a visitar, todos os dias, a cabana da mãe dela. Conversando com a velhinha, ele lançava olhares oblíquos a sua graciosa filha, que, baixando a cabeça, corada e trêmula, sentava-se para fiar e deixava cair o fuso todas as vezes que seu tímido olhar encontrava, por acaso, os olhares reflexivos de Rogdai, nos quais ardia uma chama sombria. Uma paixão insaciável, atrelada à tortura dos desejos e à inquietação secreta do ciúme, desenfreado no coração do terrível guerreiro. Pela primeira vez, ele sentiu o desejo de ser amado, pela primeira vez, aprendeu a suavizar a voz tonitruante; às vezes, surgia um leve sorriso em seus lábios; todo o tempo e em toda parte pensava ele em Maria: procurava-a junto da fonte, nas profundezas do bosque; seguia-a pelo campo

¹³ Bogatyr. Termo que se refere aos heróis lendários da poesia épica popular russa. Combatiam monstros e todos os inimigos da cristandade. Alguns dos mais famosos são Iliá Múromets, Tchurila Pliónkovitch e Dobrýnia Nikítich, mencionados mais adiante por Jukóvski. (N. T.)

¹⁴ Possádnik. Antigo título político eslavo, referindo-se ao líder da cidade. Em algumas cidades da Rússia medieval, era eleito pelos habitantes. (N. T.)

¹⁵ Drujina. Na Rússia medieval, a tropa que servia exclusivamente um chefe, geralmente um príncipe ou guerreiro importante. Havia algumas hierarquias dentro da drujina e seus membros eram chamados de drujínniki. (N. T.)

¹⁶ Vladímír (c.958-1015). Grão-príncipe de Kiev, responsável pela cristianização do território russo medieval. Importante figura histórica, tornou-se também figura lendária, figurando em diversas narrativas folclóricas. (N. T.)

e, não poucas vezes, para agradá-la, tomou parte nos alegres folguedos dos camponeses e camponesas. Todos os dias, traziam a Maria ricos presentes de Rogdai: ora um brilhante colar de pérolas, ora um sarafã de seda, costurado com ricos galões, ora uma fita com franjas prateadas, brincos, um anel de ouro.

— Maria – dizia-lhe o terrível guerreiro —, dá-me teu coração, farei a tua felicidade. A ti pertencerão meus tesouros, meu térem, meus campos e bosques. Andarás coberta de ouro e prata. Levar-te-ei à esplendorosa cidade de Kiev, mostrar-te-ei ao grão-príncipe Vladímir; tu verás os jogos dos bogatyres, ofuscarás todas as beldades da cidade, serás o adorno dos palácios do príncipe e a alegria de toda Kiev...

Que se passou em teu coração, em que pensavas, bondosa Maria? A princípio, ela tinha saudades e chorava. “Uslad, querido Uslad, por que não estás junto de mim?”, dizia ela, mirando a fonte cristalina junto da qual se haviam separado. Ah, que lástima! Ela já sentia que a presença de Uslad era imprescindível para conservar em seu coração a afeição de antes. Ao imaginar Uslad, ela imaginava a felicidade de sua vida; mas, pensando em Rogdai, vinha-lhe à mente apenas suas riquezas sem fim, o burgo suntuoso de Kiev (do qual só ouvira falar em contos de fadas), bogatyres gloriosos, o fulgor do magnífico palácio do príncipe, mas nunca pensava em Rogdai propriamente; do contrário, seu coração jamais poderia vacilar entre o belo Uslad e o terrível guerreiro, cuja imagem tenebrosa causava-lhe arrepios. Mas, ai! A razão cega cegou também o terno coração de Maria; ao longo do primeiro mês, todo o santo dia ela ia até a fonte recordar Uslad – e todas as vezes encontrou ali o guerreiro Rogdai. O segundo mês se passou, e Maria já com grande atenção passara a ouvir as propostas de Rogdai: em sua alma, que antes era tão casta, nasceram sonhos orgulhosos de brilho, de riqueza e do triunfo de seus encantos. O terceiro mês chegou – e Maria deu sua mão a Rogdai... Ah! Quem poderia imaginar, bondosa Maria? Mas por que culpar teu pobre coração? Ele nunca traiu Uslad. Enganavas a ti mesma, Maria, quando te asseguravas de que não mais amavas teu amigo. Breve desaparecerá tua cegueira; breve outra vez renascerá n’alma teu antigo sentimento de amor, ao qual estavas acostumada, com o qual eras tão feliz... O que será então, inocente, enganada, infeliz Maria?

Aproximava-se Uslad das paragens de sua terra natal; já via ao longe o alto térem de Rogdai, via a fumaça pairando sobre os telhados das cabanas e dourada pelo fulgor da manhã que nascia. Seu coração estava repleto pelos vacilantes sentimentos de alegria, amor e impaciência. Nesse minuto, veio a seu encontro um pastor que conduzia o rebanho ao pasto e cantava sua cantiga matinal – reconheceram-se.

— Pobre Uslad, para que tinhas de voltar à terra natal! – exclamou o pastor. Uslad empalideceu.

— O que se passou? — perguntou ele com a voz mudada.

— Muitas águas rolaram desde o tempo em que tu deixaste o nosso povoado — respondeu o pastor. — Tua Maria é ave migratória: abandonou o ninho onde nasceu e quer voar para outros lados; ela deixou de te amar: deu seu coração ao rico e poderoso guerreiro Rogdai! Ah! Pobre Uslad, para que tinhas de voltar à terra natal!

O pastor olhou para ele com compaixão, suspirou, outra vez pôs-se a conduzir o rebanho, outra vez pôs-se a cantarolar sua cantiga matinal. Uslad não pôde dar uma palavra em resposta: ficou parado como se atingido por um raio e, com olhos vidrados, olhava para as ondas, nas quais se refletia o céu limpo. A cotovia revoava e cantava sob as nuvens; a brisa da manhã soprava em seu rosto; vinham do campo os bálsamos das flores e ervas. Uslad nada sentia. O sol nasceu; seus primeiros raios brincavam no telhado do alto térem: por acaso os olhos de Uslad ali se detiveram; toda sua alma inquietava-se; ele lançou-se à relva, caiu no choro e permaneceu ali todo o dia, no mesmo lugar, imóvel, suspirando e torturando-se. Caiu a tarde. Os agricultores e pastores voltaram do campo. Suas vozes alegres despertaram Uslad. Ele levantou-se, outra vez dirigiu seu olhar ao térem, olhou para ele durante muito tempo, por fim tirou do peito um feixe de lírios-do-vale secos, amarrados com os cabelos de Maria, que ela dera-lhe de presente na véspera de sua separação, e lançou-o ao rio, acompanhando-o com os olhos, por alguns minutos, pela correnteza das ondas, depois baixou a cabeça, tentando conter os suspiros que lhe confrangiam o peito, deu meia volta para nunca mais, nunca mais voltar àquele lugar onde fora perdido para sempre tudo que o alegrara em vida.

Passou o outono, passou o inverno. Uslad errava pelas cidades e aldeias. Ah, que lástima! Ele pensava esquecer os tempos passados, esquecer sua felicidade perdida — em vão! Naquelas mesmas canções com as quais ele alegrava os moradores do campo e da cidade, para evitar morrer de fome, cantavam-se os doces sentimentos que certa vez deliciaram sua alma, cantava-se aquela mesmo recanto feliz, onde antes ele encontrava a alegria todas as manhãs, onde ele passava todas as noites à espera. Veio a primavera, e todo o amor que ele considerava quase apagado, outra vez reacendeu em sua alma.

— Não — exclamou Uslad —, não posso respirar longe dela; onde quer que eu esteja, meu destino será o mesmo: consumir-me de amor, definhar de sofrimento; aqui, em outro lugar, tudo para mim é alheio; e lá, no meu torrão natal, tudo que me é querido, tudo que foi testemunha de minha felicidade, tudo será confidente de minha desgraça. Não vou me encontrar com ela. Não vou ficar junto dela, mas vou vagar ao redor de sua cabana, vou segui-la em segredo nas profundezas do bosque, ouvir sua voz às vezes, respirar a brisa que refresca seu peito ou agita suas claras madeixas; vou molhar com minhas lágrimas

mas os rastros que ela deixou na relva com seu passo suave; enlevado, escondido pelas sombras da noite, vou olhar a luz de sua lamparina, acesa diante do ícone, que atravessa a janela da svetlitsa, e junto dela orar à Mãe de Deus por sua felicidade. Assim, pátria minha, e vós, bosques fraternos, e vós, margens floridas do rio Moscou, tornareis a ver Uslad; retorno a vós, para definir em vosso seio, definir ali onde floresceu e murchou a minha alegria. Ah, vendo como outro possui a minha felicidade, logo morrerei de tristeza. Chegará a manhã, a primeira andorinha levantará voo sob as nuvens, a brisa correrá pela copa das árvores, e as folhas de outono cairão, ruidosas; então, Maria, tu vais olhar pela janela e dirás: “Primeira andorinha, por que foste acordar tão cedo? Brisa de outono, por que dissipas a beleza dos carvalhos? Por que em meu coração sinto uma saudade desconhecida?” Vais sair para dispersar tua tristeza pelo campo; ali, perto de uma vereda sinuosa, à beira do cemitério, à sombra das antigas bétulas, verás um túmulo fresco; deterás nele teus olhos pensativos. “Aqui jaz o cantor Uslad”, dirão para ti as moças do campo, tristemente reunidas ao redor do túmulo. Vais te recordar da nossa felicidade de antes, recordar o cantor Uslad; desalentada, voltarás a teu tótem, darás um suspiro do fundo do coração e dirás: “Ele me amava, mas já não mais existe”.

O sol já havia quase se posto quando Uslad parou às margens da fonte, vendo o tótem de Rogdai.

Por muito tempo, em desalentada reflexão, ele ficou olhando para a morada de Maria; seus olhos procuravam o fulgor da lamparina na janela solitária da svetlitsa dela... em vão; uma escuridão profunda reinava no tótem do guerreiro Rogdai. À oeste, já desaparecia a última faixa do entardecer, à leste, surgia a lua cheia, semelhante ao clarão de um incêndio longínquo: todo o tótem cobriu-se com seu brilho. Uslad pôde ver claramente que todas as corrediças das janelas estavam fechadas; que os fortes portões de madeira não tinham ferrolho, mas sim trancas de ferro – um temor involuntário ergueu-se em sua alma. “O que significa isso?”, pensou ele, “Por que essa escuridão no tótem de Rogdai? Que foi feito de ti, Maria?” Uslad atravessou a nascente a pé e, por uma vereda, emaranhada nos arbustos, foi rumo ao alto do morro – detém-se a todo o momento – escuta – não ouve nada – apenas os suaves filetes do riacho fluem com um murmúrio pela areia, ora zumba uma libélula, ora uma folha desprende-se de uma árvore e cai, trêmula, no chão.

— O que me predizes, silêncio horrendo? – interrogou Uslad, olhando ao redor com temor e vendo perto de si somente um triste abandono. De repente, ele ouviu um ruído próximo... alguém correndo... as folhas secas estalavam sob seus pés... o ruído se aproxima... Uslad esconde-se nos arbustos... ele vê uma mulher... a lua ilumina seu

rosto... O cantor reconhece a boa Olga, amiga querida de Maria... ele lançou-se a seu encontro... Olga gritou e cobriu o rosto com ambas as mãos...

— Valei-me, anjos do céu! – exclamou ela. – É um fantasma, a alma de Uslad! – suas pernas fraquejaram e ela teria caído na relva, não fosse Uslad tê-la segurado em seus braços.

— O que há contigo, minha boa Olga? Por que tens medo de Uslad?

Olga tremia como uma folha, não se atrevia a erguer os olhos, persignava-se, dizia consigo uma oração.

— Recompõe-te, Olga querida, olha para mim. Não estou morto, sou eu, Uslad, estou vivo, voltei para minha terra natal, quero ver Maria.

Os sons daquela voz conhecida alentaram um pouco a amedrontada moçoila; por alguns minutos não pôde ela voltar a si de medo, por fim, pouco a pouco, ousou erguer os olhos...

— Será mesmo Uslad quem vejo? – perguntou ela. – Em verdade, o rosto é dele, são dele os agradáveis olhos, é dele a voz conhecida. Ai! Bom Uslad, por que estás aqui?.. Mas, afastemo-nos deste lugar – tenho medo. Logo será meia-noite; nenhum dos nossos camponeses vem aqui a essa hora: eu mesma por descuido atrasei-me no bosque; afastemo-nos, Uslad; é este um lugar terrível – Olga pôs-se a correr na frente, puxando Uslad atrás de si, e dali dois minutos encontravam-se às margens da límpida nascente.

— Olga – disse Uslad —, não irei embora nem deixarei que te vás: quero saber por que te causa tanto medo o térem de Rogdai e o que foi feito de Maria.

— Ah, bom Uslad, o que me perguntas!

— Diz, doce Olga, em nome do Senhor eu te peço; não saber é pior do que a morte.

— Está bem, Uslad, ouve. Senta-te mais perto de mim; aqui já não me dá tanto medo: vejo na outra margem da nascente nossa cabana.

Sentaram-se. Uslad estremeceu: o coração predizia-lhe algo funesto.

— Muito, Uslad, muito mesmo mudou desde quando tu deixaste o nosso povoado – assim começou a dizer Olga. – Pagou caro a minha pobre amiga por sua leviandade. Ah! Céu misericordioso, por que é que ela, sem indagar à própria alma, foi acreditar nas promessas pérfidas de um sedutor?.. Uslad, tua Maria não deixou de recordar-se de ti nem um único minuto. Que se pode fazer se ela, como uma criança, deixou-se seduzir por brocados de ouro, pérolas, fitas, que deu-lhe de presente o terrível Rogdai, e pela esperança mundana de resplandecer com seus encantos na grandiosa cidade de Kiev? Ah, que lástima! Ela mesma enganava-se quando considerava findo o antigo amor, e achava que seus vaidosos pensamentos eram afeição pelo terrível Rogdai. Não, Uslad,

não a ofenda com um pensamento tal: jamais o coração de Maria foi inconstante; e possível é, meu amigo, esquecer aqueles doces sentimentos com os quais revigora-se nossa alma nos melhores anos de vida, com os quais são unidas todas nossas esperanças de felicidade, com os quais a terra transforma-se para nós no paraíso celeste? Nem um único instante de alegria ela viu desde o momento em que foi obrigada a deixar a cabana da mãe. Ouve: na noite que precedeu o dia que lhe fora destinado casar-se e entregar-se, na Igreja de Nosso Senhor, diante do santo altar, para sempre a Rogdai, jurando secretamente esquecer de vez Uslad, eu fiz uma visita à minha amiga; mas onde fui encontrá-la? Aqui, às margens da límpida nascente, neste mesmo lugar onde tu, Uslad, deste a ela o último adeus. Estava ela sentada, combalida, com a linda cabeça caída sobre o peito, com os olhos sem luz, as faces descoradas como se houvesse sido sentenciada à morte. Ah, Uslad! Ela nem adentrara ainda o tótem de Rogdai e já os sonhos de prazeres que ela nele imaginara encontrar haviam desaparecido: seu único pensamento era naquilo que estava prestes a perder; tão-somente o tempo passado, tão-somente as alegrias perdidas preenchiam sua alma atormentada. Ao ver-me, ela levantou-se, fazendo-me um sinal para que a seguisse, e, calada, foi até sua cabana. A mãe não estava em casa; uma velinha ardia diante do ícone de Nossa Senhora. “Reza comigo”, disse Maria e caiu ao chão, aos prantos. “Santa Consoladora”, exclamou ela, “peço não por mim; para mim não mais existe felicidade: não a desejo, não a vou buscar, eu mesma abri mão dela; mas tem misericórdia para com o meu querido, meu abandonado, meu orfanado amigo; olha por ele, protetora dos infelizes”. No outro dia, trouxeram-lhe ricas prendas da parte de Rogdai: ela olhou-as com indiferença. As moças da aldeia cantavam alegres canções na porta de sua cabana: Maria, parecia, não as escutava. A mãe vestia-a para casamento, acarinhando-a com palavras e olhares: Maria lançava-lhe olhares meigos, beijava-lhe as mãos, suspirava, secava as lágrimas e não dizia uma palavra. O terrível Rogdai ficou pasmo quando ela entrou na igreja, triste, pálida como o linho, e deu-lhe, trêmula, a mão. O rosto do temível guerreiro, enquanto durou a cerimônia do casamento, ficou sombrio: com uma suspeita austera ele examinava sua noiva, de pé perante o altar como uma vítima trazida para ser imolada. Casaram-nos. Uslad, repito: nem uma única alegria gozou tua Maria desde o derradeiro instante em que ela deixou a cabana dos pais. Nós duas nos encontramos todo santo dia: eu sempre a encontrava imersa em contemplação. Às vezes, à noitinha, ela sentava-se na encosta do morro e cantava tuas belas canções; outras vezes, detinha-se, aflita, à margem da nascente; mas, acima de tudo, ela vinha com pesar até o rio olhar para tua cabana afastada. A austeridade do guerreiro Rogdai causava nela tremores: ele amava-a com um amor ardente, mas até mesmo a ternura que havia nele

tinha algo de cruel. A simplória Maria, para quem palavras e olhares sempre estavam de acordo com as secretas disposições do coração, correspondia àquele amor apenas com uma obediência silenciosa: só se aproximava dele quando ele assim permitia; não ousava ser-lhe carinhosa e era com resignação que aceitava os soberbos carinhos dele. Ah, que lástima, infeliz Maria! Antes tão alegre e travessa que pulava de contentamento em meio às amigas brincalhonas, Maria agora quase nunca sorria e mesmo em seu sorriso estampava-se o pesar de sua alma. Rogdai notou sua aflição; com frequência, com ar de lúgubre suspeita, fixava ele os olhos no rosto pálido de Maria: ela estremecia e baixava os olhos ao chão. Com frequência queria ele perguntar-lhe a razão de tão incessante desalento, começava a falar e ia embora, sem terminar a pergunta – e o que poderia responder-lhe Maria? Passaram-se três semanas. Certa manhã (estávamos juntas, eu e Maria, e ensartávamos pérolas num cordão para a mãe dela), ele veio até a svetlitsa. “Maria”, disse ele, “depois de amanhã iremos a Kiev: está pronta”. Maria empalideceu; suas mãos penderam, ela quis responder, as lágrimas correram de seus olhos como um riacho. “O que significa isso?”, trovejou o guerreiro com voz horrenda. Maria segurou-lhe a mão (pela primeira vez, ela permitiu-se uma ousadia dessas). “Em nome de Deus”, exclamou ela, fixando nele o meigo olhar, “fica aqui ainda um mês, um só; permita que eu me acostume ao triste pensamento de que devo deixar minha terra, abandonar para sempre minha mãe, minhas amigas, meus campos e bosques natais”. Comprimindo o belo rosto à mão do temível guerreiro, ela regou-a de lágrimas. Que coração haveria de não se compadecer do planger suplicante de Maria? Por alguns instantes, ficou calado o austero Rogdai: em seus olhos soturnos refulgiu um sentimento. “Não te posso negar o pedido, Maria”, respondeu ele, amansando a voz. “Faço gosto em confortar-te. Concordo, pois, em permanecer ainda um mês nestas paragens; mas, Maria”, e aqui ele cravou nela um olhar desconfiado, “respondes mal ao meu amor ardente: ai de ti se não for apenas a afeição por tua mãe e tuas amigas e pela tua terra natal que te prende a este lugar”. Ele se foi. Maria olhou para mim e não disse uma palavra: suspiramos as duas.

“Passaram-se ainda duas semanas – as mais tristes para a pobre Maria. Ela esforçou-se por afastar de si as lembranças de Uslad, mas a cada minuto, contra sua vontade, pensava: ‘Breve ele retornará, virá dar-me sua alma, pleno de doces esperanças, pleno do amor de antes, enquanto eu...’ Ela enlanguescia de saudade e lágrimas e não podia esconder nem a saudade, nem as lágrimas de Rogdai; ele via a tristeza dela – mas calava e seus terríveis olhares tornavam-se cada vez mais e mais sombrios; um ciúme horrível grassava em seu coração. ‘Maria’, dizia ele, às vezes, mantendo fixo nela o olhar, ‘tua alma não está tranquila, a consciência denuncia-te: tens horror aos meus olhares’. ‘Maria’, exclamou ele, ‘eu sei que tens horror aos meus olhares’.

mava ele, às vezes, com a voz trovejante, que fazia a pobre entorpecer, ‘eu te amo com paixão... mas ai de ti se estiveres me enganando!’

“Por fim, chegou o tempo de teu retorno, e a pobre Maria perdeu por completo a paz. Ah, que lástima! Ela tinha medo do temível Rogdai, tinha medo de tua doce presença, tinha medo do próprio coração: o menor dos ruídos já a fazia estremecer. Ela não queria, tinha pavor de ver-te; mas, Uslad, apesar disso, ela como que esperava por ti, não se afastava da janela da svetlitsa, ficava horas inteiras sentada à margem do rio Moscou, fixando o olhar imóvel na margem oposta, lá onde se via o telhado de palha de tua cabana. Certa manhã – aconteceu no dia seguinte a teu encontro com o pastor da nossa aldeia —, eu fui fazer-lhe uma visita, encontrei-a só, triste como antes, à margem do rio Moscou, no mesmo lugar que ela passara o dia anterior e todos os outros; contei-lhe que haviam te visto na véspera; mas tu, ao saber do casamento, não quiseras entrar no povoado; fostes embora sem que se soubesse para onde. Maria pôs-se a chorar. ‘Anjo consolador, vai com ele’, disse ela, ‘que ele seja feliz; que ele, se puder, esqueça-se de Maria’. Ela mantinha os olhos no céu. Estávamos então naquele mesmo lugar onde as ondas formavam uma baía rasa; derramando-se sobre as pedrinhas claras, com um suave murmurejar, uma onda estendeu-se quase até os pés de Maria – espalhou-se – algo ficou na areia – agachei-me – vi um feixe de lírios-do-vale secos, amarrados com cabelos – ergui-o, mostrei-o à Maria: meu Deus, com que palavras retratar o horror dela! Era como se uma horrível aparição houvesse surgido diante de seus olhos, os cabelos arrepiaram-se no topo de sua cabeça, ela começou a tremer, empalideceu. ‘São meus cabelos’, exclamou ela. ‘Uslad já não mais existe neste mundo: jogou-se no rio’. E caiu a meus pés, sem sentidos. Neste exato momento, aparece Rogdai: ele aproxima-se, vê Maria sem sentido, ergue-a; olha com desconfiança para seu rosto: estava este coberto pela palidez da morte; ele tira o elmo da cabeça, manda que eu busque um pouco d’água para molhar a cabeça de Maria que, qual uma rosa seca, está reclinada em seu ombro esquerdo. Por alguns minutos, tentamos trazê-la de volta a si; por fim, Maria abriu os olhos – mas eram olhos turvos; ela olhou para Rogdai e não o reconheceu. ‘Ah, Uslad!’, disse ela com a voz sumindo, ‘Amei-te mais que a vida; últimas alegrias, últimas esperanças, perdoem-me!’ Como descrever o que provocaram essas palavras na alma de Rogdai? Seu rosto fez-se rubro, seus olhos chisparam feito brasa; ele rangeu horripelmente os dentes. ‘Uslad?’, exclamou ele, bufando enfurecido, ‘Quem é Uslad? O que foi que disse, infeliz?’ Mas Maria estava como louca; não percebia que era Rogdai que estava diante dela; com um movimento convulso, apertou a mão dele junto do coração e disse: ‘Para que hei de viver? Eu o amava mais que minha vida; está tudo acabado!’ Rogdai estremeceu; furioso, ele a arrebatou de través,

com um único braço, e saiu em disparada como um lobo com sua presa, para alto do monte, rumo ao horrendo térem. Eu quis segui-los. ‘Afasta-te!’, bramiu ele com a voz rouca, fulgurando para mim os olhos de fera, e minhas pernas fraquejaram. Desde então, Uslad, não mais vi, nem uma única vez, a nossa Maria... Volto à noitinha outra vez até o monte, olho para o alto térem – tudo quieto como se fosse um túmulo – a svetlitsa de Maria, pareceu-me, estava vazia, fiquei um bom tempo à escuta – mas tudo quieto – nada além do tremular das ondas e o murmúrio das folhas dos carvalhos – não chegava a mim um só ruído – o sangue gelou em minhas veias. ‘Meu Deus’, pensei, ‘o que fizeram contigo, infeliz Maria?’ Três dias seguidos fui até o térem: o mesmo silêncio, o mesmo vazio. ‘Aonde foi parar Maria? Onde está o guerreiro Rogdai?’, perguntavam nossos aldeões. Um deles ousou mesmo adentrar o térem; mas não encontrou nem o guerreiro, nem Maria, nem os servos de Rogdai: tudo absolutamente vazio, as paredes nuas, todos os utensílios de casa haviam desaparecido – parecia que jamais um pé humano pisara naquela morada do silêncio. Ah, Uslad! Desde aquele tempo, nada sabemos do que foi feito de tua Maria. Ninguém entre os aldeões ousa se aproximar do térem de Rogdai. Ai de quem estiver passando e se atrever a entrar ali à meia-noite! Uma maldição divina abateu-se naquele covil de maldades, é o que diz o nosso padre na aldeia. Nós olhamos para o térem além do rio, estremeçemos e oramos a Deus Nosso Senhor que dê paz à alma de Maria. Sua pobre mãe morreu de tristeza: Deus quis que eu fizesse por ela o papel de filha; plantei em seu túmulo uma roseira silvestre e uma jovem tília. Uslad, quem sabe? Talvez ela já tenha se encontrado, no outro mundo, com sua Maria”.

Olga parou de falar; Uslad não lhe pôde responder uma só palavra. O infeliz jazia sentado, a cabeça baixa, cobrindo com as mãos o rosto – seu estado d’alma era deplorável; por alguns minutos estendeu-se um triste mutismo. Uslad olhou para a amiga de Maria: ela chorava, ele deu-lhe um beijo na face.

— Doce Olga – disse ele —, volta para tua mãe; por certo, tua longa ausência já a preocupa; deixa-me, jamais superarei esta desgraça: ela deve ser meu túmulo. Deus esteja contigo, Olga de bom coração; sê feliz; diz no povoado que o pobre Uslad está vivo, que ele retornou, que há de morrer naquele mesmo lugar onde sofreu e pereceu sua infeliz Maria.

Eles beijaram-se outra vez. Olga dirigiu-se para a outra margem da nascente; Uslad seguiu pela sinuosa vereda até o monte, rumo ao horrendo térem.

A meia-noite aproximava-se – a lua cheia, alcançando as alturas do céu, brilhava quase diretamente sobre a frente de Uslad. Ele aproxima-se do térem; entra pelos largos portões, escancarados – eles rangem e batem; entra no pátio – tudo silencioso e vazio. O

caminho dos portões até o alpendre, fornido de altas balaustradas, está coberto de urtiga, bardana e losna. Uslad mal pode mover as pernas, por fim alcança o alpendre, vai até a porta... Uma raposa selvagem, assustada com a aproximação humana, que há tempos não importunava aquele lugar ermo, lançou-se na relva alta, cravando nele os olhos; um mocho, desperto pelo ruído, eriçou-se, bateu as asas, voou para o telhado e começou a piar... Uslad sentiu um temor e pôs-se a olhar ao redor. Sob luz da lua, ele viu-se no vasto salão, no qual encontrava-se uma longa mesa encostada junto à parede; dois ou três bancos jaziam no chão; havia um oratório vazio, onde antes ficavam os ícones, e no chão cacos diversos de canecas de barro: era ali que o terrível Rogdai recebia os aldeões e aldeãs do seu povoado. Uslad atravessou ainda dois ou três cômodos: por toda parte descortinavam-se diante de seus olhos paredes nuas, por toda parte reinava o silêncio, de quando em quando quebrado pelo ruído dos morcegos, que adejavam acima dele. Por fim, ele viu uma pequena porta e uma escada estreita, que se enroscava em caracol ao redor de uma pilastra: seu coração bateu mais forte – era a escada que levava à svetlitsa de Maria. Uslad segue pelos degraus, entra na svetlitsa, claramente iluminada pelos raios da lua, que batiam diretamente nas janelas abertas. Sua alma encheu-se de um pesar indefinível quando ele viu-se naquele mesmo lugar onde a pobre Maria passara os últimos dias de sua vida, encontrando a manhã com suspiros, passando as noites em desamparo. Ele encontrou um amargo prazer em respirar o mesmo ar que certa feita ela respirara; quase sentia que naquele frescor da meia-noite emanava-se a seu redor a presença dela. Tudo estava impregnado dela – ele corria os olhos por tudo com uma inquietação indescritível, pois em toda parte via, como num sonho, os rastros da doce existência de sua Maria perdida. Num canto, jazia abandonado um bastidor com o bordado inacabado, já quase se decompondo. Noutro, algo cintila – Uslad aproxima-se: olha – o que seria? Encontra aquele mesmo ícone de Nossa Senhora com uma moldura de prata, que ele trouxera para ela de Kiev e o qual Maria, desde a partida de Uslad, levava no pescoço; ele desabou diante do ícone, pôs-se a chorar, retirou-o da parede, beijou-o e colocou-o em seu peito. Sentou-se ao pé da janela – seus olhos correram pelo rio Moscou, que mansamente serpenteava no sopé do monte, refletindo em suas ondas as margens, cobertas pela floresta, o céu azul-escuro, coalhado de suaves e argêntas nuvens; os arredores, cobertos pela diáfana cortina do luminoso lusco-fusco, estavam tranquilos; tudo quieto – o ar, as águas, os bosques. Uslad quedou-se reflexivo; o tempo passado surgiu em sua imaginação como um leve fantasma; ele viu Maria, primeiro desabrochando, depois murchando na flor da idade. “Aqui”, pensou ele, “ficava ela, desamparada, ao pé da janela, olhando para o horizonte enevoadado e enviando a mim seus suspiros; aqui, derramava lágrimas, rezava diante

do santo ícone; aqui, ah, Deus Misericordioso, talvez, aqui mesmo o assassino...” Ele estremeceu; o horror percorreu todos seus membros; teve a impressão de ouvir um gemido como que vindo do sepulcro; teve a impressão de que uma aparição aflita e saudosa vagava pelos cômodos abandonados do tótem; suas veias pulsavam com força; o sangue, afluindo para cabeça, provocava em seus ouvidos ruídos semelhantes a um lamento sepulcral. A hora da meia-noite, o silêncio absoluto, a escuridão e o deserto do horrendo tótem – tudo preparava sua alma para algo fora do comum: uma expectativa misteriosa tomou conta dela. Uslad sentado sem se mover... ouvidos atentos... tudo quieto... nem um som... nem um ruído... De repente, ergue-se dos carvalhos uma brisa suave: as folhas das árvores vizinhas movem-se, a lua luminosa fica enevoada, a penumbra cai em tudo ao redor, algo suave, quase como um sopro imperceptível, roça as faces afogeadas de Uslad e brinca com suas madeixas dispersas: parecia que dissipava-se pelo ar o hálito perfumado da primavera e derramava-se uma harmonia agradável, quase inaudível, semelhante aos sons de uma harpa distante. Uslad ergue os olhos, e o que ele vê? Oh, o horror! Oh, a alegria!.. ele vê... vê diante de si Maria – um luminoso, aéreo fantasma, cintilando com um brilho cor-de-rosa; suas vestes, diáfanas como uma nuvem matutina pairando diante da aurora, espalhavam-se pelos ares como filetes d’água; seu rosto, pálido, como um puro lírio, parecia aflito, em seus doces lábios via-se um sorriso extenuado; seu olhar pensativo fixava-se em Uslad. Um temor sagrado encheu seu coração.

— Serás tu a alma de minha Maria? – indagou ele, estendendo para a aparição os braços trêmulos. – Oh! Diz por que deixaste os campos celestes? Ordenas que eu aparte-me da vida? Queres que eu me junte a tua bem-aventurança?

E calou-se – não houve resposta. Porém, o fantasma, ao que parecia, queria que Uslad o seguisse – com uma mão indicava a densa floresta, com a outra, estendida para Uslad, chamava-o para segui-lo. Uslad tomou coragem para dar alguns passos... a aparição seguiu adiante, voando... Uslad deteve-se... e junto com ele deteve-se também o fantasma, outra vez lançando-lhe um olhar súplice... Uslad estava indeciso... não sabia se deveria ir ou não... por fim tomou alento... foi... orientado pelo misterioso guia, ele saiu para pátio vazio, atravessou os portões, por fim deu na densa floresta que estendia-se atrás do tótem de Rogdai. Adentrou as profundezas da floresta – reinavam o silêncio e a escuridão a seu redor; nem uma única criatura viva à vista; as feras selvagens da floresta, como que sentindo a presença do espírito incorpóreo que o acompanhava, furtavam-se de seu caminho com timidez... mantendo um profundo silêncio, ele seguia o pálida cintilação flutuante... transcorreu por algumas horas essa procissão solitária... de repente, ele vê um rio fluindo sob a sombra de antigos carvalhos, bétulas pêndulas

e sombrios pinheiros... ele fixa o olhar em sua resplandecente companheira... ela de-tém-se... a tristeza antes estampada em seu semblante já desapareceu: ela cintila com a graça celeste... a aparição aponta-lhe o céu... sorri... estende-lhe os braços abertos... e de repente, como um suave sonho matinal, desaparece no vazio do ar. Tudo escureceu; Uslad quedou-se só nas profundezas da floresta, num país aterrador e selvagem... ele olha ao redor... vê que ali perto arde uma luzinha... vai até lá... diante de seus olhos vai surgindo uma cabana rasteira, coberta de palha... ele entreabre a porta... um decrepito velhinho reza diante de uma cruz, sob a luz de uma lamparina de cabeceira... o ranger da porta fez com que ele se virasse... olhou fixamente para o rosto de Uslad... sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Bendita seja a tua chegada – disse o ermitão —, faz tempo que um sonho profético tem-ma anunciado nestes ermos. Em teu rosto eu reconheço aquele jovem que certa vez apareceu para mim às horas da meia-noite, quando eu dormia um sono tranquilo depois dos trabalhos e da oração.

— Quem és tu, ancião? – perguntou Uslad, pleno de enternecimento e de um medo oculto.

— O humilde ermitão Arkádi – respondeu o ancião. – Faz dois anos que instalei-me às margens do Iáuza, nesta cabana solitária. Passo aqui meus dias em oração, lamento os pecados do passado e busco a salvação. Vem até minha morada, infeliz trabalhador: nela hás de encontrar a tua paz perdida, e com ela o almejado esquecimento do passado. Diga, quem indicou a ti o caminho até minha incólume cabana?

Uslad descreveu-lhe as desgraças de sua vida.

— Bem – disse Arkádi após ter ouvido o relato de Uslad —, aqui, às margens do Iáuza, repousa a tua infeliz Maria; a providência divina quis que eu fosse o último que ela visse e que eu reconciliasse com os céus sua alma que partia. Ouve: certa manhã, eu recolhia raízes na margem do Iáuza; de repente, chegaram a meus ouvidos gemidos doídos... sigo... Dali uns cinquenta passos encontro uma mulher, jovem, bela, numa poça de sangue – era a tua Maria; ao longe, sumia o tropel de cascos; um guerreiro, vestindo uma couraça, cintilava entre as árvores; ele rapidamente desapareceu na densa floresta – era o assassino Rogdai. Tomo em meus braços a expirante Maria – ah, que lástima! Eram já seus últimos minutos, os lábios e as faces iam empalidecendo, os olhos cerravam-se. Lentamente, ela ergueu para mim o olhar que apagava-se. “Recebe a minha alma, dá-me a bênção”, disse ela, esforçando-se por colocar minha mão em seu coração. Persignei-a; feneceu, ela olhou para mim com gratidão. “Anjo consolador”, disse ela, estendendo-me os braços, “reza pela minha alma, reza por Uslad”. Seus olhos apagaram-se, a cabeça

pendeu sobre o ombro, ela expirou. Seu túmulo fica aqui perto. Tu logo o verás, Uslad; a aurora já começa raiar.

— Ah! Pobre infeliz! – exclamou Uslad. – Que destino! E esse assassino está vivo!.. Não, santo homem, juro diante de teus pés que...

— Uslad, não jures em vão – respondeu o ancião. – A justiça divina já castigou Rogdai: afogou-se nas profundezas do rio Iáuza, para onde o conduziu o próprio cavalo, ao assustar-se com um lobo selvagem. Apazigua teu coração, meu amigo; repete comigo: que a misericórdia eterna olhe também pelo assassino de Maria!

Uslad silenciou.

— Meus olhos viram a luz – exclamou ele e estendeu-se aos pés do velho. – Ela guardou seu amor por mim mesmo além do túmulo. Meu pai, a ti, à lembrança e ao serviço de Deus dedico a partir de agora o que resta de minha vida.

A aurora iluminava o céu, e a floresta renascia com o canto matinal dos pássaros. O ancião levou Uslad à beira do Iáuza e, apontando-lhe uma cruz de madeira, disse:

— Aqui está tua Maria.

Uslad caiu de joelhos, encostou o rosto, úmido de lágrimas, à terra fresca.

— Minha querida – exclamou ele —, Deus não quis que dividíssemos uma vida: antes de mim abandonaste a terra; mas deixaste em mim o valioso penhor de tua existência – teu túmulo prematuro. Não foi para isso que sua alma justa foi enviada, deixando os céus? Para mostrar-me meu abrigo e encurtar a minha desolada peregrinação neste mundo? Acato a ti, sagrada e consoladora voz da minha amiga perdida; minha vida não será sofrida, mas dedicada à sepultura de minha Maria: será voltada à doce espera, à reconfortante esperança de um breve fim desta separação.

Uslad instalou-se na morada de Arkádi: sobre a sepultura de Maria construíram uma capela à Nossa Senhora. Passou-se um ano, e Uslad fechou os olhos do santo ermitão. Por mais alguns anos ele ficou à espera de seu fim na erma floresta; afinal, chegou também seu último momento: morreu recostando a cabeça naquela mesma pedra, que com as próprias mãos ele adornara o túmulo de Maria.

E a cabana do ermitão Arkádi e a modesta capela de Nossa Senhora e a pedra, que certa vez cobriu o túmulo de Maria – tudo isso desapareceu; tão somente a denominação bosque de Maria permaneceu para nós por meio desta lenda verdadeira. Atravessando o caminho da Trindade¹⁷, saireis no aqueduto de Mytíski¹⁸ – à direita, tereis diante de vos-

¹⁷ Caminho da Trindade. Trata-se do caminho que leva até o Mosteiro da Trindade de São Sérgio, desde os anos 1950 chamado de estrada de Iaroslav. (N. T.)

¹⁸ Aqueduto de Mytíski. Atualmente chamado de aqueduto de Rostókin; ponte arqueada de pedra, construída no fim do século XVIII passando pelo vale do rio Iáuza, perto da antiga aldeia de Rostókin. Foi o

sos olhos uma floresta azulada; ali, onde o diáfano rio Iáuza com um de seus meandros abraça o bosque e reflete em suas tranquilas ondas os antigos carvalhos sombreados e as pobres cabanas, espalhadas por suas margens – ali, certa vez, pereceu a infeliz Maria; ali foi erguida sobre seu túmulo uma capela de Nossa Senhora, ali, por fim, Uslad findou o resto triste de sua vida.

Марьяна Роща – Старинное предание (texto original)

Тихий и прохладный вечер заступал уже место палящего дня, когда Услад, молодой певец, приблизился к берегам Москвы-реки, на которых провел он дни своей цветущей юности. Гладкая поверхность вод, тихо лобзаемая легким ветерком, покрыта была розовым сиянием заката: в зеркале их отражались с одной стороны дремучий лес и терем грозного Рогдая, окруженный высоким дубовым тыном (он был построен на крутой горе – там, где ныне видим зубчатые стены Кремля, великолепные чертоги древних русских царей, соборы с золотыми главами и колокольню Иван Великий), с другой – зеленые берега, покрытые кустарником и осыпанные низкими хижинами земледельцев. Повсюду царствовало спокойствие; воздух был растворен благоуханием цветущей липы: иногда во глубине леса раздавался голос соловья или печальное пение иволги; иногда непостоянный ветерок потрясал вершины деревьев; иногда робкий кролик, испуганный шорохом, бросался в кустарник и шумел иссохшими ветками. Услад шел по тропинке, извивавшейся между деревьями; душа его, наполненная воспоминаниями, погружена была в задумчивость. Время прошедшее, время, в которое находил он себя счастливым, представилось мыслям его со всем минувшим своим очарованием. «Где ты, моя радость? – воскликнул печальный Услад, – где ты, прежнее время? Прихожу на то же место, на котором некогда называл я жизнь свою веселием: тенистая роща, светлая река, зеленые берега, вы не изменились; но, счастье мое, тебя уже нет. По-прежнему благовонная липа разливает свой сладостный запах, по-прежнему звонкий соловей или пустынная иволга поют во глубине дремучего леса; а тот, кто некогда наслаждался благоуханием цветущей липы или, задумавшись, при гласе звонкого соловья и стоне пустынной иволги живее мечтал о своем счастье, тот уже не похож на самого себя. Ах! не узнаете вы меня, места прелестные; очи мои потускли от скорби, ланиты мои побледнели, лицо мое омрачилось унынием...»

Услад приближается к берегам светлого ручья [**«Ныне мутная Неглиная».** – **Примеч. В. Жуковского.**], который, журча и сверкая, бежал по золотому песку в зеленом кустарнике и сливался с Москвою; он увидел на крутизне горы уединенный терем грозного Рогдая. Последнее блистание вечера играло еще на тесовой кровле верхней светлицы и на острых концах высокого тына; вершины древних дубов, берез и лип, которыми покрыта была вся гора, восходящие одни над другими, мало-помалу омрачались, наконец потемнели совсем; на одном только тереме, который, подобно великану, возвышался над лесом, оставалось умирающее мерцание;

наконец и оно померкло, повсюду распространился сумрак. Услад, увидя Рогдаев терем, затрепетал, остановился, долго смотрел на него в молчании, неподвижный, мрачный, сложив крестообразно руки; наконец слезы покатались ручьями из глаз его... «Ах, Мария!» – воскликнул он; вздохнул из глубины сердца, и голова его склонилась ко груди.

Молодой Услад родился на берегу Москвы-реки в бедной хижине, от честных родителей. Природа наградила его прекрасною душою, прекрасным лицом и дарованием слагать прекрасные песни. Часто, простертый на берегу светлой Москвы и смотря на ее серебряные волны, провожал он вечернюю зарю звонким своим рожком. Приятные звуки раздавались по берегам и повторяемы были отголосками сенистой рощи. Молодые сельские девушки любили слушать Услада, когда он простыми стихами прославлял весну, спокойствие земледельческих хижин, свободу поднебесных ласточек, нежность дубравных горлиц или изображал приятность маткиной-душки, которой запах сравнивал он с милою душою чадолюбивой матери. Услад был всех приятнее на посиделках; никто не умел так хорошо рассказывать страшных сказок, от которых робкие девушки трепетали и прижимались к своим матерям, а на голове молодых мужчин становились волосы дыбом; ни с кем так не любили играть в хороводы и в разные игры, как с милым, веселым, добросердечным Усладом. В селе называли его соловьем. Старушки переставали хмуриться и бранить своих дочерей, когда приходил к ним Услад; а старики в его присутствии оживлялись и чувствовали себя молодыми. Сельские девушки засматривались на Услада, который имел лицо прелестное, черные глаза, омраченные длинными ресницами, нежные, сияющие под черными густыми бровями; светло-русые волосы, которые легкими кудрями рассыпались по прекрасному лбу, вились вокруг открытой шеи, белой как снег, и оттеняли свежие, румяные, как молодая роза, щеки. Но чаще других и с чувством более нежным смотрела на него прекрасная Мария. Хижина ее построена была на самом том месте, где быстрый ручей сливался с прозрачною Москвою. Марии минуло пятнадцать лет; она имела доброе сердце, но была совершенный младенец: все ее веселило, все трогало и увлекало. – Она любила свою старую мать более самой себя; часто смотрела ей в глаза и говорила со слезами: «Матушка, друг мой, я готова отдать тебе свою душу». Она плакала, когда старушка была или больна, или печальна; но в то же самое время безделица могла овладеть ее вниманием: она бросалась за пестрым мотыльком или смеялась от доброго сердца, когда слышала забавное слово, замечала уродливое лицо. Мария была чувствительна: никакое нежное чувство не могло изгладиться в сердце ее,

но оно могло быть забыто (правда, на короткое время) для всякого нового, даже слабейшего впечатления.

Добрая Мария цвела, как полевая фиалка, под сенью родительской хижины, хранящая любовь матери. С некоторого времени душа ее наполнена была тайным пламенем, которым оживотворены были в ней все другие чувства, – любовь к прекрасному Усладу; но это чувство не мешало ей быть веселою по-прежнему, по-прежнему поливать свои цветы, кормить свою малиновку, распевать веселые песенки, когда она сидела вместе с матерью за пряжею на пороге хижины, и смеяться от всей души, когда подружки рассказывали ей смешные сказки. Прекрасный певец ощущал нежную томность в груди своей, когда смотрел в глаза добросердечной Марии. Ах! он любил ее страстно. Милый ее образ носился перед ним, когда он засыпал; он представлялся ему в сновидении; он видел его при первом блеске восходящего утра. Услад был задумчив, когда был с нею розно, задумчив, когда видел ее перед собою, живую, резвую, веселую. Мария вздыхала, на лице ее изображалось глубокое сердечное чувство, когда глаза ее встречались с глазами Услава. Она радовалась, когда Услад уверял ее в нежной своей любви; целовала его в розовые щеки и говорила ему: «Добрый Услад, ты – мое счастье».

Однажды, вечернею порою, певец играл на рожке своем, простертый на берегу источника, в виду Марииной хижины. Мария, услышав знакомые звуки, взяла кувшин и пошла за водою к светлому источнику. Поравнявшись с Усладом, она поставила кувшин на зеленую траву, села подле своего друга, поцеловала его в пламенную щеку и, окружив его белою рукою, склонила к нему на плечо свою прелестную голову. Они задумались. Вечер был тих и ясен; роща, одушевленная возвратившеюся весною, была наполнена запахом черемухи, благовонным дыханием ландышей, маткиной-душки и трав ароматных; ветерок порхал по деревьям; соловьи свистали вдалеке; в воздухе слышалось жужжание насекомых; легкие струйки источника, озлащаемые заходящим солнцем, которое проникало сквозь редкие деревья, сливали нежное свое плескание с шорохом тростника и трепетанием цветущего шиповника, осенявшего низкие берега источника: все сии звуки производили вместе единую очаровательную гармонию, которая трогала душу и погружала ее в задумчивое мечтание. Услад и Мария долго молчали, упоенные любовью.

– Ах, Мария! – сказал наконец Услад, – люблю тебя более своей жизни. Помнишь ли ту минуту, в которую мы встретились на берегу светлого источника? Ты пришла зачерпнуть в кувшин свежей воды, заслушалась соловья и стояла в

задумчивости под тою развесистою березою – я возвращался из Новагорода, был утомлен путем и зноем; ты утолила мою жажду и посмотрела на меня таким ласковым взглядом, что сердце мое наполнилось в ту минуту неизъяснимою сладостию. Ах! с той минуты я перестал владеть своею душою; с той минуты единственное мое счастье быть с тобою или о тебе думать. Тобою прекрасный божий мир сделался для меня еще прекраснее. Во всем, что радует мою душу, нахожу я твой милый образ. Твой голос усладительнее для меня воркования иволги, когда внимаю ему при блеске заходящего солнца; походка твоя легче игривого весеннего ветерка, когда он пролетает над поверхностью спокойной Москвыреки или колышет нежную травку. Чувствуя в роще запах ночной красавицы, я думаю: он так же приятен, как сладостное дыхание моей Марии. Светит ли полная луна сквозь частую рощу, я погружаюсь в задумчивость: мне кажется, что в светлом ее мерцании летает надо мною твой образ, что я окружен твоим невидимым присутствием. Часто в минуту воцаряющегося вечера забываюсь по целому часу вблизи твоей хижины; сокрытый кустами шиповника, смотрю на тебя, когда ты сидишь у дверей вместе с твоею матерью, озаренная розовым сиянием вечера; мать твоя перебирает длинные светло-русые твои волосы, заплетает их в косы, целует тебя, называет своею радостью; а ты распеваешь, как соловей, или подымаешь на свою мать нежный, невинный, исполненный сердечной задумчивости взор, тогда... но, милый друг, прелестная, добросердечная моя Мария, могу ли сказать, что я тогда чувствую? Ах! в эту минуту не нахожу в себе души; она стремится к тебе, она исполнена чистейшею, непорочною к тебе любовью.

Так говорил Услад. Мария не отвечала; но она вздохнула, крепче обхватила его белою рукою, нежнее прижала ко груди его прелестную свою голову.

– Мы соединимся, – продолжал Услад, – когда исполнится тебе шестнадцать лет. Шесть раз полная луна должна осветить вершины дерев, прежде нежели ты будешь моею; тогда нежная твоя мать переселится в нашу хижину; старость ее пройдет спокойно, как вечер ясного дня... Теперь, мой милый друг, – продолжал Услад, помолчав минуту, – я должен на время с тобою разлучиться. Старый Пересвет, мой благодетель, мой наставник, идет отсюда в свою отчизну, к своим ближним и сродникам – я должен его проводить: ибо мы, вероятно, расстанемся навеки. Путешествие мое продолжится до третьей полной луны. Мария, не забывай меня в отсутствии. Когда взойдет луна, – в эту минуту золотые рога месяца мелькнули из тучи над кровлею Рогдаева терема, – когда озлачатся струистые волны, приди на берег источника и думай об Усладе: душа его будет над тобою. В каждом приятном

звуче, с которым прольется в душу твою сладостная унылость, внимая нежному голосу его сердца.

Мария плакала; Услад умолкнул; они встали. Певец поднял глаза на высокий Рогдаев терем – черная туча над ним носилась; невольно печаль овладела его душою: туча сия казалась ему подобием его жребия. «О! что ты принесешь мне, время будущее, время далекое, время неизвестное?» – подумал он. Быстрая молния раздвоила тучу пламенной браздою; облака вспыхнули и вдруг угасли; сердце Улада стеснилось; он бросил на Марию задумчивый взгляд: на миловидном ее лице изображена была робость; взоры ее, устремленные на тучу, как будто искали на ней следов пролетевшей молнии: она вздохнула, поцеловала Улада и медленно пошла в свою хижину. Услад сел в свою лодку, переправился на другой берег Москвы, на котором находилась его хижина, простерся на траву, печально опустил на руку свою голову и долго смотрел на хижину Марии, в которой светился огонек, иногда затмеваемый легкою тению. Наконец сияние исчезло. Услад закрыл руками глаза и заплакал: ему казалось, что в эту минуту угасло счастье жизни его, что для него уже не было на свете Марии.

Утренняя заря не застала Улада на берегах светлой Москвы. В первые два дни Мария не переставала крушиться и плакать. Потупив голову, закрыв передником прискорбные очи свои, орошенные слезами, сидела печальная на пороге хижины и не внимала утешениям своей добросердечной матери. На третий день пошла она к источнику. Вдруг представляется взору ее незнакомый витязь: на нем сияла блестящая броня, голова покрыта была шишаком, на плечах лежала медвежья кожа. Лицо неизвестного было величественно и сурово: глаза, глубоко впадшие, ярко блистали из-под густых бровей; черная всклокоченная борода закрывала до половины смуглые щеки его. Мария оторопела. Незнакомец поглядел на нее пристально.

– Кто ты, красная девица? – спросил он. Мария испугалась громозвучного голоса, не посмела поднять своих глаз и побежала опрометью в хижину. Витязь последовал за нею.

То был Рогдай, славный, могучий богатырь. Ему принадлежали обширные поля, между которыми извивалась прозрачная Москва; ему принадлежал высокий терем, окруженный дубовым тыном. Он долго служил могущественною мышцею великому Новгороду; сподвижники называли его: Рогдай булатная рука; а прочие люди: Рогдай жестокое сердце; ибо ни одно человеколюбивое чувство не было ему известно, никогда на челе его не разглаживались морщины; грозный, неукротимый

во мщении; ни вопли, ни улыбка невинного младенца не проникали в его неприступную душу. Умертвив на соборище народном одного из знаменитейших посадников новгородских и принужденный поспешно с верною дружиною сокрыться из великого града, пошел он в знаменитый Киев, к великому князю Владимиру, дабы служить ему вместе с богатырями Ильею, Чурилою и Добрынею. Желая на перепутье посетить свое наследие и отеческий терем, в котором провел младенческие лета, явился он на берегах Москвы-реки дни через два по отшествии певца Услава.

Новое чувство открылось в душе Рогдая в ту минуту, когда он встретился у источника с Мариною; он начал каждый день посещать хижину ее матери. Разговаривая с старушкою, бросал он косвенные взгляды на прелестную дочь ее, которая, потупив голову, краснея и трепеща, сидела за пряжею и роняла из рук веретено всякий раз, когда робкие взоры ее встречались нечаянно с задумчивыми взорами Рогдая, в которых пылало мрачное пламя. Неутолимая страсть, сопутствуемая мукою желаний и тайным волнением ревности, свирепствовала в сердце грозного витязя. Впервые почувствовал он желание быть любимым, впервые научился смягчать громозвучный свой голос; иногда на устах его показывалась усмешка; везде и всякую минуту он думал о Марии – искал ее на берегу источника, во глубине рощи; следовал за нею в село и даже нередко, чтоб угодить ей, вмешивался в веселые игры поселян и поселянок. Всякий день приносили ей богатые дары от Рогдая: иногда жемчужное блестящее ожерелье, иногда шелковый сарафан, обшитый богатым галуном, иногда ленту с серебряною бахромою, серьги, золотой перстень.

– Мария, – говорил ей грозный витязь, – отдай мне свое сердце, я сделаю твое счастье. Тебе будут принадлежать мои сокровища, мой терем, мои поля и рощи. Будешь ходить в серебре и золоте. Повезу тебя в великолепный град Киев, покажу тебе великого князя Владимира; увидишь богатырские игры, затмишь собою всех киевских красавиц, будешь украшением княжеских палат и радостью всего града Киева...

Что происходило в твоём сердце, что думала ты, добрая Мария? Сначала она тосковала и плакала. «Услад, милый Услад, для чего нет тебя со мною?» – говорила она, смотря на струистый источник, при котором они расстались. Увы! она уже чувствовала, что присутствие Услава было необходимо, чтоб сохранить в сердце ее прежнюю к нему привязанность. Воображая Услава, она воображала счастье жизни своей; но, думая о Рогдае, видела в мыслях своих одни бесчисленные богатства его, пышный град Киев (о котором слыхала только в сказках), славных

богатырей, блистание великолепного дворца княжеского и никогда не думала о самом Рогдае; ибо никогда сердце ее не могло бы поколебаться между прекрасным Усладом и грозным витязем, которого мрачный образ приводил ее в трепет. Но, увы! ослепленный рассудок ослепил и нежное сердце Марии; в продолжение первого месяца она всякий божий день приходила к источнику вспоминать об Усладе – и всякий раз встречала на берегах его витязя Рогдая. Наступил другой месяц, и Мария с большим уже вниманием начала слушать Рогдаевы предложения: в душе ее, которая прежде была так непорочна, родились гордые мечты о блеске, богатстве и торжестве ее прелестей. Наступил третий месяц – и Мария отдала руку свою Рогдаю... Ах! кто бы это подумал, добрая Мария? Но для чего же обвинять ее доброе сердце? Оно никогда не изменяло Усладу. Ты обманывалась, Мария, когда уверяла себя, что более не любишь своего друга. Скоро исчезнет твое ослепление; скоро опять воскреснет в душе твоей прежнее чувство любви, к которому ты привыкла, которым была так счастлива... что будешь тогда, невинная, обманутая, несчастная Мария?

Услад приближался уже к месту своей родины; уж видел он вдалеке высокий Рогдаев терем, видел дым, вьющийся над кровлями хижин и озлащенный сиянием восходящего утра. Душа его наполнена была смутными чувствами радости, любви, нетерпения. В эту минуту повстречался ему пастух, который гнал стадо на паству и пел утреннюю свою песню, – они узнали друг друга.

– Бедный Услад, зачем воротился ты на свою родину, – воскликнул пастух. Услад побледнел.

– Что случилось? – спросил он изменившимся голосом.

– Много воды утекло с того времени, как ты оставил наше селение, – отвечал пастух. – Мария твоя – перелетная птичка; она покинула родимое гнездышко и хочет лететь на чужую сторону; она разлюбила тебя; она отдала свою душу богатому и могучему витязю Рогдаю! Ах! бедный Услад, для чего возвращался ты на свою родину?

Пастух посмотрел на него с состраданием, вздохнул, опять погнал свое стадо, опять запел свою утреннюю песню. Услад не мог отвечать ему ни слова: стоял как убитый громом, и долго неподвижными очами смотрел на волны, в которых отражалось чистое небо. Жаворонок кружился и пел под облаками; утренний ветерок дышал ему в лицо; с полей подымались благовония цветов и трав. Услад ничего не чувствовал. Солнце взошло; первые лучи его заиграли на кровле высокого терема: нечаянно взоры Услада на нее устремились; вся душа его пришла в волнение; он бросился на траву, залился слезами и целый день пролежал

на одном месте неподвижно, вздыхал и терзался. Наступил вечер. Земледельцы и пастухи пришли с полей. Веселые голоса их пробудили Услава. Он встал, опять устремил глаза на терем, смотрел на него долго, наконец снял с груди пучок засохших ландышей, перевязанных волосами Марии, который подарила она ему накануне разлуки, бросил его в реку, несколько минут следовал за ним глазами по течению волн, потом, потупив голову, стараясь удерживать стеснившиеся в груди вздохи, пошел назад, чтобы никогда, никогда не возвращаться в то место, где все, что радовало его в жизни, погибло навеки.

Прошла осень, прошла зима – Услад скитался по городам и селениям. Увы! он думал забыть прежнее время, забыть утраченное свое счастье – напрасно! В тех самых песнях, которыми веселил он горожан и сельских жителей, чтобы избавить себя от голодной смерти, изображались милые чувства, некогда улаждавшие душу его, изображен был тот счастливый край, где прежде встречал он с веселием каждое утро, провожал он с надеждою каждый вечер. Наступила весна, и вся любовь, которую он почитал почти угасшею, опять воспламенилась в душе его.

– Нет, – воскликнул Услад, – я не могу дышать в разлуке с нею; где бы я ни был, везде мой жребий – угаснуть в любви, увянуть в страдании; здесь, на чужой стороне, все для меня чужое; а там, в отчизне моей, все мне друг, все было свидетелем моего счастья, все будет поверенным моей скорби. Не буду с нею встречаться; Не буду с нею вместе, но буду скитаться вокруг ее жилища, невидимо следовать за нею во глубину рощи, иногда внимать ее голосу, дышать ветерком, освежающим ее грудь или волнующим ее светлые кудри, орошать слезами следы, оставленные на мураве легкими ее стопами, в упоении, сокрытый мраком ночи, смотреть на свет ее лампы, горящей перед образом и проникающей сквозь окна ее светлицы, и вместе с нею молить божию мать о счастья жизни ее. Так, моя родина, и вы, отческие рощи, и вы, цветущие берега Москвы, опять увидите возвратившегося к вам Услава; возвращусь к вам, чтоб увянуть на вашем лоне, увянуть там, где расцвело и увяло мое веселие. Ах, видя, как другой владеет моим счастьем, скорее умру с печали. Утро взойдет, ранняя ласточка взовьется под облака, ветерок побежит по вершинам дерев, и листья осенние посыплются с шумом; тогда, Мария, ты взглянешь в окно высокого терема и скажешь: «Утренняя ласточка, для чего ты поднялась так рано? Ветерок осенний, для чего рассыпаешь ты красоту дубравы? Для чего в душе моей тоска неизвестная?» Ты выдешь рассеять печаль свою в поле; там, близ тропинки излучистой, на краю кладбища, под сению древних берез, увидишь свежую могилу; ты устремишь на нее задумчивые взоры. «Здесь положили певца Услава», – скажут

тебе сельские девушки, печально собравшиеся вокруг могилы. Ты вспомнишь прежние наши радости, вспомнишь певца Услава; приунывши, возвратишься в свой терем, вздохнешь из глубины сердца и скажешь: «Он меня любил, но его уже нет».

Солнце почти закатилось, когда Улад остановился на берегу источника, в виду Рогдаева терема.

Долго в унылой задумчивости смотрел он на жилище Марии; взоры его искали сияния лампы в окне уединенной ее светлицы... напрасно; глубокая мрачность царствовала в тереме витязя Рогдая. Уже на западе исчезла последняя полоса вечерней зари, на востоке показывалась полная луна, подобная зареву отдаленного пожара: весь терем покрылся ее сиянием. Улад мог ясно видеть, что задвижные окна были все раскрыты; что крепкие тесовые ворота, не заложенные затвором, ходили на железных петлях, – невольно робость проникнула в его душу. «Что это значит? – подумал он. – Отчего такая мрачность в Рогдаевом тереме? Что сделалось с тобой, Мария?» Улад переходит источник вброд и по тропинке, выходящей в кустах, идет на высоту горы – часто останавливается – слушает – ничего не слышит – одни только легкие струйки ручья переливаются с журчанием по песку, изредка стучит стрекоза, изредка увядший листок срывается с дерева и с трепетанием падает на землю.

– Что предвещаешь ты мне, тишина ужасная? – вопрошал Улад, осматриваясь с робостью и видя вокруг себя одно печальное запустение. Вдруг послышался ему близкий шорох... кто-то бежал... сухие листья хрустели под ногами... шорох приблизился... Улад прячется в кусты... видит женщину... луна осветила ее лицо... Певец узнает добродушную Ольгу, любимую подругу Марии... бросается к ней навстречу... Ольга закричала, закрыла обеими руками лицо...

– Защитите меня, силы небесные, – воскликнула она, – привидение, душа Услава! – Ноги ее подкосились, она упала бы на траву, когда бы Улад не принял ее в объятия.

– Что с тобою сделалось, добрая Ольга? Отчего боишься Улада?

Ольга дрожала как лист, не смела отворить глаз, крестилась, читала про себя молитву.

– Опомнись, милая Ольга, погляди на меня. Я не мертвец, я Улад, живой Улад, возвратился в свою отчизну, хочу увидеть Марию.

Звуки знакомого голоса ободрили робкую девушку – несколько минут не могла она прийти в себя от испуга, наконец мало-помалу осмелилась отворить глаза...

– Точно ли вижу Услава? – спросила она. – В самом деле, его лицо, его приятные взоры, его знакомый голос. Ах! добрый Улад, зачем ты здесь?.. Но удалимся от этого места – мне страшно. Скоро будет полночь; никто из наших поселян не ходит сюда в это время: я сама нечаянно запоздала в роще; удалимся, Улад; это место ужасно. – Ольга побежала вперед, потащив за собою Услава, и чрез две минуты находились они уже на берегу светлого источника.

– Ольга, – сказал Улад, – я не пойду и не пущу тебя далее: хочу знать, отчего так страшен тебе Рогдаев терем и что сделалось с Мариєю?

– Ах! добрый Улад, о чем ты у меня спрашиваешь?

– Говори, милая Ольга, именем бога прошу тебя; неизвестность мучительнее смерти.

– Хорошо, Улад, слушай. Садись ко мне ближе; здесь не так страшно: я вижу на том берегу источника нашу хижину.

Они сели. Улад трепетал: сердце предсказывало ему что-то ужасное.

– Много, Улад, очень много переменилось с тех пор, как ты оставил нашу деревню, – так начала говорить Ольга. – Дорого бедная моя подруга заплатила за свое легкомыслие. Ах! милосердное небо, для чего, не спросясь с душою своею, поверила она коварным обещаниям обольстителя?.. Улад, Мария твоя ни на одну минуту не переставала о тебе помнить. Что же делать, если она как младенец прельстилась золотыми парчами, жемчугом, лентами, которыми дарил ее грозный Рогдай, и суетною надеждою сиять прелестями в великолепном граде Киеве? Увы! она сама обманывала себя, когда почитала прежнюю любовь свою угасшею, а гордые свои замыслы – привязанностию к грозному Рогдаю. Нет, Улад, не обижай ее такою мыслию: никогда Мариино сердце не было переменчиво; и можно ли, друг мой, забыть те сладкие чувства, которыми животворится душа наша в лучшие годы жизни, с которыми соединены все наши надежды на счастье, которыми земля претворяется для нас в царство небесное? Ни одной минуты веселия не видала она с той поры, как принуждена была оставить родительскую хижину. Слушай: ввечеру накануне того дня, в который надлежало ей идти к венцу и в церкви божией перед святым алтарем навсегда отдать себя Рогдаю, поклявшись тайно, что позабудет Услава навеки, я навестила мою подругу; но где же нашла ее? Здесь, на берегу светлого источника, на том самом месте, где ты, Улад, в последний раз с нею простился. Она сидела в унынии, склонив ко груди прелестную свою голову, с потухнувшими глазами, увядшими щеками, как будто приговоренная к смерти. Ах! Улад, еще не вступила она в Рогдаев терем, а уже мечты удовольствий, которые

найти в нем она воображала, для нее исчезли: одна только мысль о том, что была она готова утратить, одно минувшее время, одни погибшие радости наполняли ее прискорбную душу. Увидя меня, она встала, подала мне знак, чтобы я за нею последовала, и молча пошла в свою хижину. Матери ее не было дома; свечка горела перед образом богоматери. «Молись вместе со мною, – сказала Мария и упала на землю, обливаясь слезами. – Святая утешительница, – воскликнула она, – молю не о себе; для меня уже нет счастья: не желаю, не буду искать его, я сама от него отказалась; но будь твое милосердие над милым, оставленным, осиротевшим другом моим; храни его, покровительница несчастных». На другое утро принесли к ней богатые дары от Рогдая: она посмотрела на них с равнодушием. Сельские девушки пели веселые песни у дверей ее хижины: Мария, казалось, им не внимала. Мать убирала ее к венцу, ласкала словами и взорами: Мария устремляла на нее умильные глаза, целовала ее руки, вздыхала, утирала слезы и не говорила ни слова. Грозный Рогдай изумился, когда она вошла в церковь, печальная, бледная как полотно, и с трепетом подала ему руку. Лицо ужасного витязя во все продолжение венчального обряда было мрачно: с суровым подозрением рассматривал он свою невесту, которая стояла пред алтарем как жертва, приведенная на заклание. Их обвенчали. Услад, я повторяю: ни единою радостью не насладились твоя Мария с той самой минуты, в которую оставила родительскую хижину. Мы виделись с нею каждый божий день: всегда находила я ее погруженную в задумчивость. Иногда, вечернею порою, она сидела на скате горы и пела прекрасные твои песни; иногда с прискорбием останавливалась на берегу источника; но чаще всего приходила к реке смотреть на отдаленную твою хижину. Суровость витязя Рогдая приводила ее в трепет: он любил ее страстную любовь, но самая нежность его имела в себе что-то жестокое. Простодушная Мария, которой слова и взоры всегда согласны были с тайным расположением сердца, отвечала на любовь его одною тихою покорностию: она подходила к нему только тогда, когда он сам приказывал ей приблизиться; не смела к нему ласкаться, а только с смирением принимала его надменные ласки. Увы, несчастная Мария, которая прежде была так весела и резва, которая прыгала от удовольствия в кругу игривых своих подруг, Мария почти никогда уже не улыбалась, и в самой улыбке ее изображено было душевное прискорбие. Рогдай заметил ее тоску; часто с видом угрюмого подозрения устремлял он свои взоры на бледное лицо Марии: она содрогалась и потупляла глаза свои в землю. Часто хотел он спросить ее о причине такой непрерывной унылости, начинал говорить и уходил, не кончив вопроса, – и что могла бы отвечать ему Мария? Прошло три недели.

В одно утро (мы сидели вместе с Мариєю и низали жемчужное ожерелье для ее матери) приходит он в ее светлицу. «Мария, – говорит он, – послезавтра мы едем в Киев: будь готова». Мария побледнела; руки ее опустились, хотела отвечать, и слезы побежали из глаз ее ручьями. «Что это значит?» – загремел ужасным голосом витязь. Мария схватила его руку (в первый раз позволила она себе такую смелость). «Ради бога, – воскликнула она, устремив на него умильный взор, – пробудь здесь еще один месяц, один только месяц; дай мне познакомиться с печальною мыслию, что я должна расстаться с своею родиною, навсегда покинуть свою мать, моих друзей, мои отеческие поля и рощи». Прижавши прекрасное лицо свое к руке ужасного витязя, она орошала ее слезами. Какое сердце могло бы ве тронуться умоляющим стенанием Марии? Несколько минут молчал суровый Рогдай: в сумрачных взорах его блеснуло чувство. «Не могу отказать тебе, Мария, – отвечал он, смягчивши голос, – мне сладко тебя утешить. Согласен, еще на месяц остаюсь в этих местах; но, Мария, – тут устремил он на нее подозрительный взгляд, – ты худо отвечаешь на страстную мою любовь: горе тебе, если не одна привязанность к матери, друзьям и отчизне удерживает тебя в этом месте». Он удалился. Мария посмотрела на меня и не сказала ни слова: мы обе вздохнули.

Прошло еще две недели – самые печальные для бедной Марии. Она старалась удалить от себя воспоминания об Усладе, но всякую минуту против воли своей думала: «Он скоро возвратится, он придет отдать мне свою душу, исполненный сладкой надежды, исполненный прежней любви, а я...» Она томилась в тоске и слезах и не могла утаить ни тоски, ни слез своих от Рогдая; он видел ее печаль – но он молчал, и грозные взоры его час от часу становились мрачнее; страшная ревность свирепствовала в его сердце. «Мария, – говорил он иногда, устремив на нее пристальное око, – душа твоя беспокойна, совесть тебя обличает: взоры мои тебе ужасны. Мария, – восклицал он иногда громозвучным голосом, от которого несчастная цепенела, – я люблю тебя страстно... но горе, если ты меня обманула!»

Наконец наступило время твоего возвращения, и бедная Мария совсем потеряла спокойствие. Увы! она боялась ужасного Рогдая, боялась твоего милого присутствия, боялась собственного своего сердца: малейший шорох заставлял её содрогаться. Она не хотела, она страшилась тебя увидеть; но, Услад, несмотря на то, как будто ожидая тебя, не отходила она от окна своей светлицы, по целым часам просиживала на берегу Москвы, устремив неподвижные взоры на противную сторону реки, туда, где видима соломенная кровля твоей хижины. В одно утро – это случилось на другой день после твоей встречи с пастухом нашего села – навещаю

ее, нахожу одну, печальную по-прежнему, на берегу Москвы, на том же самом месте, на которое приходила она и вчера, и всякий день; сказываю, что тебя видели накануне; что ты, узнавши о ее замужестве, не захотел войти в деревню; что ты удалился неизвестно куда. Мария заплакала. «Ангел-хранитель, сопутствуй ему, – сказала она, – пусть будет он счастлив; пускай, если может, забудет Марию». Она устремила глаза на небо. Мы стояли тогда на самом том месте, где волны образуют мелкий залив; разливаясь по светлым камешкам, с тихим плесканием – одна волна прикатилась почти к самым ногам Марии – рассыпалась – что-то оставила на песке – я наклоняюсь – вижу пучок увядших ландышей, перевязанных волосами, – подымаю его, показываю Марии: боже мой, какие слова изобразят ее ужас! Казалось, что грозное привидение представилось ее взору, волосы поднялись на голове ее дыбом, затрепетала, побледнела. «Это мои волосы, – воскликнула она. – Услада нет на свете: он бросился в реку». Она упала к ногам моим без памяти. В эту минуту показался Рогдай: подходит, видит бесчувственную Марию, поднимает ее; смотрит с недоумением ей в лицо: QHO покрыто было бледностью смерти; снимает с головы шишак, велит мне зачерпнуть в него воды и орошает ею голову Марии, которая, как увядшая роза, наклонена была на правое плечо. – Несколько минут старались мы привести ее в чувство; наконец Мария отворила глаза – но глаза ее были мутны; она посмотрела на Рогдая – и не узнала его. «Ах! Услад, – сказала она умирающим голосом, – я любила тебя более жизни; последние радости, последние надежды, простите!» Как описать то действие, которое произвели слова ее на душе грозного Рогдая? Лицо его побагровело, глаза его засверкали, как уголья; он страшно заскрежетал зубами. «Услад, – воскликнул он, задыхаясь от бешенства, – кто Услад? Что ты сказала, несчастная?» Но Мария была как помешанная; она не чувствовала, что Рогдай стоял перед нею; с судорожным движением прижимала она его руку к сердцу и говорила: «На что мне жить? Я любила его, более моей жизни: все кончилось!» Рогдай затрепетал; в исступлении обхватил он ее одною рукой поперек тела и помчал, как дикий волк свою добычу, на высоту горы, к ужасному своему терему. Я хотела за ними последовать. «Прочь!» – заревел он охриплым голосом, блеснув на меня зверскими глазами, – ноги мои подкосились. С той поры, Услад, ни разу не видала я нашей Марии... Вечеру прихожу, опять к горе, смотрю на высокий терем – все было в нем тихо, как будто в могиле, – светлица Марии казалась пустою – я долго прислушивалась – но все молчало – ничто, кроме трепетания волн и шороха дубравных листьев, не доходило до моего слуха – кровь леденела в моих жилах. «Боже мой, – думала я, – что сделали они с

тобою, несчастная Мария?» Три дни сряду приходила я к терему: то же молчание, та же пустота. «Куда девалась Мария? Где витязь Рогдай?» – спрашивали наши поселяне. Один из них осмелился войти в самый терем; но он не нашел ни витязя, ни Марии, ни служителей Рогдаевых: повсюду царствовала пустота, стены были голы, все утвари домашние исчезли – казалось, что никогда нога человеческая не заходила в эту обитель молчания. Увы! Услад, с того времени мы ничего не знаем об участи твоей Марии. Никто из поселян не смеет приближаться к Рогдаеву терему. Горе заблудившемуся пешеходцу, который отважится зайти в него полуночною порою! Божие проклятие постигло этот вертеп злодейств, говорит наш сельский священник. Мы смотрим на него из-за реки, содрогаясь и молим небесного царя, чтобы он успокоил душу Марии. Бедная мать ее умерла с печали: мне суждено было от бога заступить при ней место дочери; я посадила на могиле ее шиповник и молодую липу. Услад, кто знает? может быть, она уже встретилась теперь на том свете с своею Мариєю.

Ольга перестала говорить; Услад не мог отвечать ей ни слова. Несчастный сидел, потупив голову, закрыв руками лицо, – состояние души его было ужасно; несколько минут продолжалось печальное безмолвие. Услад посмотрел на Мариину подругу: она плакала, он поцеловал ее в щеку.

– Милая Ольга, – сказал он, – возвратись к своей матери; конечно, беспокоит ее теперь долговременное твое отсутствие; оставь меня, я никогда не сойду с этой горы: она должна быть моим гробом. Бог с тобою, добросердечная Ольга; будь счастлива; скажи в деревне, что бедный Услад жив, что он возвратился, что он умрет на том самом месте, где мучилась и погибла его несчастная Мария.

Они поцеловались опять. Ольга переправилась на другой берег источника; Услад пошел по излучистой тропинке на высоту торы, к ужасному терему.

Полночь была уже близко – полная луна, достигшая вершины неба, сияла почти над самою головою Услава. Он приближается к терему; входит в широкие ворота, растворенные настежь, – они скрипели и хлопали; входит на двор – все пусто и тихо. Дорога от ворот до крыльца, окруженного высокими перилами, покрыта крапивою, полынью и репейником. Услад с трудом передвигает ноги, наконец вступает на крыльцо, идет к двери... Дикая лисица, испуганная приходом человеческим, давно не возмущавшим сего пустынного места, бросилась в высокую траву, сверкнув на него глазами; филин, пробужденный шорохом, встрепенулся, захлопал крыльями, полетел на кровлю и завыл... Услад почувствовал робость и начал осматриваться. При свете луны увидел он себя в обширной горнице, в

которой находился длинный стол, приставленный к стене; две или три скамейки, лежавшие на полу; пустой поставец, где прежде находились образа, и на полу разбросанные черепки разбитых глиняных кружек: здесь грозный Рогдай угощал иногда поселян и поселянок своей деревни. Услад прошел еще две или три горницы: везде представлялись глазам его голые стены, везде царствовала тишина, изредка нарушаемая шумом нетопырей, которые быстро над ним порхали. Наконец он видит маленькую дверь и узкую лестницу, обвившуюся винтом вокруг столба: сердце его сильно затрепетало – эта лестница вела в светлицу Марии. Услад идет по ступеням, входит в светлицу, ярко озаренную лучами луны, которая ударяла прямо в раскрытые окна. Душа его наполнилась неизъяснимым прискорбием, когда он увидел себя в том самом месте, где бедная Мария провела последние дни своей жизни, встречая утро со вздохами, провожая вечер с унынием. Он находил горестное удовольствие дышать тем воздухом, которым некогда она дышала; как будто чувствовал, что в тихой полуночной прохладе разливалось вокруг него ее присутствие. Все было ею наполнено – на все устремлял он с неописанным волнением взоры свои; ибо везде мечтались ему следы милого бытия утраченной Марии. В одном углу брошены были ее пальцы с недоконченным шитьем, которое все почти истлело, в другом что-то блистало – Услад приближается: смотрит – что же? Находит тот самый образ богоматери в серебряном окладе, который привез он ей из Киева и который Мария, до самой разлуки с Усладом, носила на шее; он упал перед ним на землю, заплакал, снял его со стены, поцеловал и положил на грудь свою. Он сел под окно – глаза его устремились на Москву, которая тихо вилась под горою, отражая в волнах своих и берега, покрытые лесом, и синее небо, усыпанное легкими серебристыми облаками; окрестности, одетые прозрачною пеленою светлого сумрака, были спокойны; все молчало – и воздух, и воды, и рощи. Услад задумался; минувшее предстало его воображению, как легкий призрак; он видел Марию, прежде цветущую, потом увядающую во цвете лет. «Здесь, – думал он, – сидела она в унынии под окном, смотрела в туманную даль и посылала ко мне свои вздохи; здесь, проливая слезы, молилася перед святою иконою; здесь, о боже милосердный, может быть, на самом этом месте убийца...» Он содрогнулся; ужас проникнул все его члены; ему мечталось слышать стенания, выходящие как будто из могилы; мечталось, что скорбное, тоскующее привидение бродило по горницам оставленного терема; жилы его сильно бились; кровь, устремившаяся в голову, производила в ушах его звуки, подобные погребальному стону. Час полночи, всеобщее безмолвие, мрачность и пустоту ужасного терема – все приготавлило

душу его к чему-то необычайному: таинственное ожидание наполняло ее. Услад сидит неподвижно... прислушивается... все молчит... ни звука... ни шороха... Вдруг от дубравы подымается тихий ветерок: листочки окрестных деревьев зашевелились, ясная луна затуманилась, по всем окрестностям пробежал сумрак, какое-то легкое, почти нечувствительное дуновение прикоснулось к пламенным щекам Услава и заиграло в его разбросанных кудрях: казалось, что в воздухе распространялось благовонное дыхание весны и разливалась приятная, едва слышимая гармония, подобная звукам далекой арфы. Услад поднимает глаза, что же? О ужас! о радость!.. он видит... видит перед собою Марию – светлый, воздушный призрак, сияющий розовым блеском; одежда ее, прозрачная, как утреннее облако, летящее перед зарею, расстилалась по воздуху струями; лицо её, бледное, как чистая лилия, казалось прискорбным, на милых устах видима была унылая улыбка; задумчивый взор ее стремился к Усладу. Священный ужас наполнил его сердце.

– Ты ли, душа моей Марии? – воскликнул он, простирая к привидению трепещущие руки. – О! скажи, для чего покинула ты селения неба? Велишь ли мне разлучиться с жизнью? Хочешь ли приобщить меня к своему блаженству?

Он умолк – ответа не было. Но призрак, казалось, хотел, чтобы Услад за ним последовал, – одною рукою указывал на дремучий лес, другою, простертою к Усладу, манил его за собою. Услад осмелился ступить несколько шагов... привидение полетело... Услад остановился... и вместе с ним остановился призрак, опять устремив на него умоляющие взоры... Услад был в нерешимости... не знал, идти ли ему или нет... наконец ободрился... пошел... руководствуемый таинственным вождем, вышел на пустынный двор, за ворота, наконец в дремучий Лес, который на несколько верст простирался позади Рогдаева терема. Входит во глубину леса – тишина и мрачность окрест него царствуют; ни одно живое творение не представляется взору его; дикие дубравные звери, как будто чувствуя присутствие бесплотного духа, ему сопутствующего, уклоняются от стези его с робостию:.. храня глубокое безмолвие, идет он за бледным улетающим сиянием... несколько часов продолжалось его уединенное шествие... вдруг видит реку, вьющуюся под сению древних дубов, развесившихся берез и мрачных елей... устремляет глаза на светлую свою сопутницу... она остановилась... печаль, прежде напечатленная во взорах ее, уже исчезла: они сияли небесным веселием... привидение указывает ему на небо... улыбается... простирает к нему объятия... и вдруг, как легкая утренняя мечта, исчезает в воздушной пустыне. Все помрачилось; Услад остался один, в глуши дремучего леса, в стране ужасной и дикой... осматривается... видит вблизи

сверкающий огонек... идет... глазам его представляется низенькая хижина, покрытая соломой... он отворяет дверь... дряхлый старик молится перед распятием, при свете ночника... скрип двери заставил его оглянуться... он посмотрел пристально Усладу в лицо... улыбнулся и подал ему руку.

– Благословляю приход твой, – сказал отшельник, – давно пророческое сновидение возвестило мне его в этой пустыне. В лице твоём узнаю того юношу, который несколько раз являлся мне в полуночное время, когда в спокойном сне отдыхал я после трудов и молитвы.

– Кто ты, старец? – спросил Услад, исполненный умиления и тайного страха.

– Смирный отшельник Аркадий, – отвечал старик. – Два года, как поселился я на берегу светлой Яузы, в этой уединенной хижине. Здесь провожу дни свои в молитве, оплакиваю прошедшие заблуждения и спасаюсь. Приди в обитель мою, несчастный труженик: в ней обретешь утраченное спокойствие, а с ним и желанное забвение прошедшего. Скажи мне, кто указал тебе дорогу к моей неизвестной хижине?

Услад описал ему несчастья своей жизни.

– Так, – воскликнул Аркадий? выслушав повесть Услада, – здесь, на берегу Яузы, покоится несчастная твоя Мария; мне назначило божие провидение принять последние взоры ее и примирить с небом ее отлетающую душу. Слушай: в одно утро я собирал корни на берегу Яузы; внезапно поразили слух мой жалобные стенания... Иду... шагах в пятидесяти нахожу женщину, молодую, прекрасную, плавающую в крови, – это была твоя Мария; вдали раздавался конский топот.; воин, одетый в панцирь, мелькал между деревьями; он вскоре исчез в густоте леса – то был убийца Рогдай. Беру в объятия умирающую Марию – увы! последняя минута ее уже наступила, уста и щеки ее побледнели, глаза смыкались. Медленно подняла на меня угасающий взор. «Прими мою душу, благослови меня», – сказала она, усиливаясь приложить руку мою к сердцу. Я перекрестил ее – умирающая посмотрела на меня с благодарностью. «Ангел-утешитель, – сказала она, простирая ко мне объятия, – молись о душе моей, молись об Усладе». Взоры ее потухли, голова наклонилась на плечо – она скончалась. Могила ее близко. Ты скоро увидишь ее, Услад; заря начинает уже заниматься.

– Ах! несчастная! – воскликнул Услад. – Какая участь!

И этот убийца жив!.. Нет, божий угодник, клянусь у ног твоих...

– Услад, не клянись напрасно, – отвечал старец, – небесное правосудие наказало Рогдая: он утонул во глубине Яузы, куда занесен был конем своим,

испугавшимся дикого волка. Усмири свое сердце, друг мой; скажи вместе со мною; вечное милосердие да помилует убийцу Марии!

Услад утихнул.

– Очи мои прояснились, – воскликнул он и простерся к ногам священного старца. – Она сохранила ко мне любовь и за гробом. Отец мой, тебе, воспоминанию и служению бога посвятится отныне остаток моей жизни.

Заря осветила небо, и лес оживился утренним пением птиц. Старец повел Услада на берег Яузы и, указав на деревянный крест, сказал:

– Здесь положена твоя Мария.

Услад упал на колена, прижал лицо свое, орошенное слезами, к свежему дерну.

– Милый друг, – воскликнул он, – бог не судил нам делиться жизнью: ты прежде меня покинула землю; но ты оставила мне драгоценный залог твоего бытия – безвременную твою могилу. Не для того ли праведная душа твоя оставляла небо, чтоб указать мне мое пристанище и прекратить безотрадное странничество мое в мире? Повинуюсь тебе, священный утешительный голос потерянного моего друга; не будет прискорбна для меня жизнь, посвященная гробу моей Марии: она обратится в ожидание сладкое, в утешительную надежду на близкий конец разлуки.

Услад поселился в обители Аркадия: на гробе Марии построили они часовню во имя богоматери. Прошел один год, и Услад закрыл глаза святому отшельнику. Еще несколько лет ожидал он кончины своей в пустынном лесе; наконец и его последняя минута наступила: он умер, приклонив голову к тому камню, которым рука его украсила могилу Марии.

И хижина отшельника Аркадия, и скромная часовня богоматери, и камень, некогда покрывавший могилу Марии, – все исчезло; одно только наименование Марьиной рощи сохранено для нас верным преданием. Проезжая по Троицкой дороге, взойдите на Мытищинский водовод – вправо представится глазам вашим синеватый лес; там, где прозрачная река Яуза одним изгибом своим прикасается к роще и отражает в тихих волнах и древние сенистые дубы, и бедные хижины, рассыпанные по берегам ее, – там некогда погибла несчастная Мария; там сооружена была над гробом ее часовня во имя богоматери, там наконец и Услад кончил печальный остаток своей жизни.

REFERÊNCIAS

- Afanássiev, Viktor. *Жуковский*. Moscou: Molodaia Gvárdia, 1986.
- Alencar, José. *Iracema*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. *E-book*.
- Américo, Edécio. *Os textos de Moscou e São Petersburgo como reflexo da identidade nacional russa*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-13062012-154434/pt-br.php>.
- Bernardini, Aurora Fornoni. “A poética de Púchkin em relação aos poetas de sua época (tradução e modernidade)”. *Revista de Letras* (UFC), Fortaleza, v.1, n.12, p.25-37, 1987.
- Bernardini, Aurora Fornoni. “Púchkin e o começo da literatura russa”. In: Mountian, Daniela & Vaz, Valteir (Orgs.). *Aulas de literatura russa – de Púchkin a Gorenstein*. São Paulo: Kalinka, 2018, p.21-4.
- Britto, Paulo Henriques. *A tradução literária*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.
- Grikhin, Viatcheslav. *The Russian romantic tale: late 18th - early 19h century (A Russian reader with explanatory notes in English)*. Moscou: Russki Iazyk, 1981.
- Jukóvski, Vassíli. Марьяна роца. In: _____. *Собрание сочинений в 4 томах (т. 4. Одиссея. Художественная проза. Критические статьи. Письма)*. Moscou/Leningrado: GIKhL, 1960, p.369-90.
- Logatto, Ettore. *Historia de la literatura rusa*. Barcelona: Talleres gráficos Aconde Nunez, 1952.
- Mirsky, Dmitry. *Hitorie de la littérature russe des origines à nos jours*. Paris: Fayard, 1969.
- Montefiore, Simon Sebag. *Os Románov (1613-1917)*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

